GLORIA E INFORTUNIO,

OU

A MORTE DE CAMÕES,

DRAMA

DIVIDIDO EM DUAS ÉPOCAS, TRES ACTOS
E SEIS QUADROS;

por L. A. Burgain,

Autor da ORFÃ, do BARBEIRO IMPORTUNO, &c.

RIO DE JANEIRO.

—

1838.

A

MORTE DE CAMÕES.

GLORIA E INFORTUNIO,

OU

A MORTE DE CAMÕES,

DRAMA

DIVIDIDO EM DUAS ÉPOCAS, TRES ACTOS
E SEIS QUADROS;

por L. A. Burgain,

Autor da ORFÃ, do BARBEIRO IMPORTUNO, &c.

RIO DE JANEIRO,

NA TYP. IMP. E CONST. DE J. VILLENEUVE E COMP.,
Rua d'Ouvidor, N. 65.

—

1838.

A QUEM LER.

ERRATA.

Pag.	*linha*	*em vez de:*	*lêa-se:*
1 (pref.)	8	esses seus canticos	esses cantos
vij (dito)	25	autor	actor
5	14 (no fim)	ao	em
14	18	a Camões	a D. Pedro
18	16	te esqueça	te esqueças
32	11	ignorava-se	ignora-se
40	5	façada	fachada
45	10	se perdoem	se perdoão
46	9	se revoga	se revogue
„	21	possa	posse
49	3	ella só	se ella só
63	4	tomando-lhe	tomando
68	27	e que	que
70	22	dêstes	deste
75	27	fizestes	fizeste
76	4	Mendonça	D. Pedro
78	5	Camões	D. Fernando
„	24	traga	trazes
81	4	élysêos	elysios

podiamos appreciar, tanto mais sentiamos crescer a nossa admiração. E, na realidade, o que haverá, mesmo na antiguidade, que vença em belleza, em eloquencia, em poesia, os bellos episodios dos Luziadas? que exceda a invocação do poema, a pintura de Venus, a batalha de Ourique, os amores e a morte da infortunada Ignez, o sonho de D. Manoel, a partida para Melin-

da, a arenga de Nunes Alvares, a ficção do gigante Adamastor, o palacio de Neptuno, a historia dos doze de Inglaterra, a tempestade, a a ilha de Venus, o vaticinio da nympha, a descripção do mundo, e tantos outros pedaços que ha tres seculos fazem a admiração dos entendedores?!!

Foi Camões o primeiro que deu ao mundo uma epopêa moderna; foi Camões o unico em que Tasso reconheceu um rival, e um rival portentoso; e, não obstante, teceu-lhe os maiores encomios e lhe vaticinou a immortalidade; porque os genios sublimes desconhecem esse baixo espirito de inveja que de continuo rala o peito á mediocridade e lhe envenena a penna. O juizo deste insigne vate é o melhor argumento que se póde oppôr aos detractores de Camões (tão victoriosamente refutados) que, pela maior parte, não podendo ler os Luziadas no original, o julgaram sobre toscas e incompletas versões.

E se fallarmos na escolha do assumpto, qual outro podia elle achar mais feliz, mais nobre, mais sublime?! Homero cantou a cólera de Achilles e a destruição de Troia, Virgilio a fundação do Lacio, Milton a desobediencia do primeiro homem e a perda do paraiso, Tasso a guerra con-

tra os infieis, Klopstocko Messias; mas Camões cantou a patria, a patria que quasi lhe negou uma sepultura, e os seus cantos lhe asegurão a immortalidade!

Esta nossa admiração por Camões, e a leitura do bello poema de Garret, tinham accendido em nós o desejo de consagrarmos algumas vigilias ao autor dos Luziadas, de juntarmos hum pequeno brado ao concerto de louvores que a justa posteridade lhe tributa; e a scena dramatica, sobre a qual desejavamos ensaiar-nos, nos pareceu propria para a realisação do nosso designio. Porém, bem depressa a razão fez ouvir a sua voz e nos disse que o assumpto era muito superior ás nossas forças, que se nos arguiria de temeridade, que a quéda era infallivel; e assim cahimos no desanimo e desistimos da empreza.

Por este tempo foi que escrevêmos a nossa primeira peça a *Ultima assembléa dos condes-livres*. As imperfeições desta composição, a inexperiencia do seu autor, as avultadas despezas que devia sua representação occasionar, tudo parecia condemna-la a uma perpetua obscuridade; porém, por fortuna nossa, tinhamos travado amizade com o director e primeiro autor do theatro Constitucional Fluminense, o Sr. João Caetano dos Santos.

Este artista, ao singular talento de que tantas provas nos deu, reune um profundo conhecimento da scena, uma excellente critica, e todos aquelles predicados que fazem o encanto da sociedade e da intimidade.

Apresentámos-lhe pois o nosso manuscripto, sobre o qual nos deu francamente a sua opinião; aconselhou-nos varias suppressões e mudanças, que deviam concorrer para o effeito theatral e tornar mais verosimilhantes algumas passagens; seguimos os seus conselhos á risca, por sabermos que erão dictados pela amizade e experiencia. Emfim, este drama, posto em scena sob a direcção do Sr. João Caetano, foi optimamente representado, e mereceu a approvação do publico; sendo assim coroados os esforços do nosso amigo e os nossos.

Então, animado por tão feliz exito, e contando com a indulgencia por nós já experimentada, voltámos ao nosso primeiro assumpto, ao nosso assumpto de predilecção, e em quinze dias, ou antes quinze noites, escrevêmos o drama que agora damos á imprensa.

Communicámo-lo ao Sr. João Caetano, e, em consequencia de suas advertencias, lhe fizemos tambem algumas alterações.

Inutil é dizer que foi representado com todo o luxo de vestes e decorações que exige, e bem sabida é a sensação que produzio; porém, tanto nos não cega o amor proprio que desconheçamos que grande parte deste successo foi devido, não ao merito intrinseco da peça, mas sim á sublimidade do assumpto, ás sympathias que em peitos portuguezes e brasileiros desperta o nome de Camões, e aos esforços dos actores.

Na mocidade de Camões mostrou o Sr. João Caetano a energia, arte, natureza e sensibilidade com que costuma desempenhar os grandes caracteres; porém, no ultimo acto foi sublime, e commoveu todos os animos, exprimindo com toda a verdade os sentimentos que animavam o infeliz vate luzitano.

A Sra. D. Estella Sezefreda mereceu todos os elogios pela perfeição com que, no papel de Catharina d'Athaide, exprimio o amor, a firmeza, a saudade, os pezares e a resignação da desafortunada amante de Camões. Menos se não devia esperar desta senhora que, com a flexibilidade de seu talento, desempenha diariamente, e com geraes applausos, tantos e tão variados papeis.

Entre os actores que mais contribuiram para o bom exito da peça, devemos mencionar o Sr.

Romualdo, que comprehendeu optimamente o caracter de Antonio; e o desempenhou com a maior sensibilidade.

Voltando ao Sr. João Caetano, muito estimamos termos esta occasião de tributar-lhe os encomios que lhe são devidos, e dar-lhe um publico testemunho da estima e amizade que lhe consagrámos.

Siga elle a gloriosa carreira que lhe abriram os seus talentos e estudos, forme artistas dignos de elle, que no futuro emparelhará a sua fama com a dos Barons, dos Talmas, dos Le Kains; e persuadimo-nos de que o paternal governo do Brasil e o patriotismo dos Brasileiros não negarão o seu auxilio ao nascente theatro da nação, que, apezar dos seus esforços, talvez viesse a baquear, se abandonado fosse aos seus diminutos recursos.

Personagens.

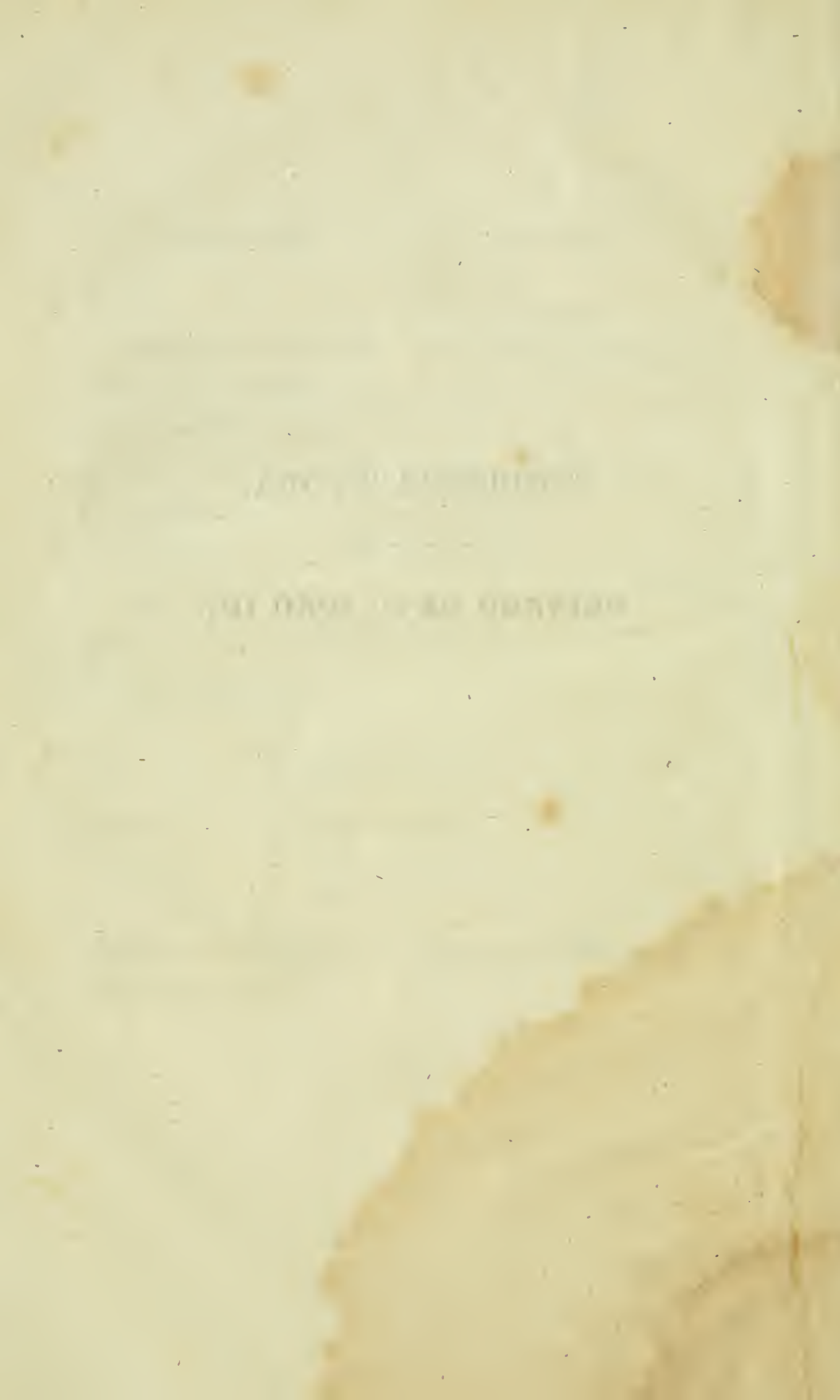
PERSONAGENS.	ACTORES.
CAMÕES	O SR. J. C. DOS SANTOS.
D. CATHARINA D'ATHAIDE.	A SRA. D. ESTELLA SEZEFREDA.
D. PEDRO D'ATHAIDE	O SR. COSTA.
CARLOS DE MENDONÇA . . .	O SR. V. P. DE BORJA.
ANTONIO, INDIO LIBERTO.	O SR. J. ROMUALDO.
HUM HERMITÃO.	O SR. AMARAL.
D. FERNANDO.	O SR. FLORINDO.
D. FABRICIO	O SR. J. DE SOUZA.
LAURA	A SRA. RICCIOLINI.
UM CAPITAÕ, OITO SOLDADOS.	

Personagens da apotheose.

CAMÕES, HOMERO, VIRGILIO, DEIDADES, CÔRO.

Representado pela primeira vez no theatro Constitucional Fluminense, no anno de 1837.

PRIMEIRA ÉPOCA.

REINADO DE D. JOÃO III.

A
MORTE DE CAMÕES.

ACTO PRIMEIRO.

QUADRO I.

Um jardim magnifico. No fundo, o palacio de Belém todo illuminado. Convidados do baile, ricamente trajados, passeam sobre o ultimo plano. De vez em quando ouve-se uma musica longinqua e suave.

SCENA I.

D. FERNANDO, D. FABRICIO, *encontrando-se.*

D. FABRICIO.

Então, meu Fernando, que me dizes deste festejo?

D. FERNANDO.

Não podia ser mais brilhante.

D. FABRICIO.

Comtudo, pareces divertir-te pouco.

D. FERNANDO.

Sabes que os prazeres estrondosos nunca tiveram muitos attractivos para mim.

D. FABRICIO.

É verdade que levas a toda a parte um ar severo e sombrio, que te mereceu das damas da côrte o sobrenome de misanthropo.

D. FERNANDO.

Todos os seus gracejos não me farão mudar.

D. FABRICIO.

Quanto a mim, aborreço a reflexão e o retiro. Para ser feliz, são-me precisos combates ou festejos; todavia dou a preferencia aos combates. Que dias de jubilo e de gloria não foram para mim aquelles em que, admittido pela primeira vez nas fileiras de nossos intrepidos Portuguezes, assisti à tomada de Goleta, e da cidade de Tunis! Hoje, que as nossas armas descançam nos arsenaes, quero bailes pomposos, mulheres coroadas de flores, o resplendor das luzes e dos diamantes.... enfim, tudo quanto é bulha e prazer. Porém, despertem-se nossos canhões, desenrole a Luzitania o seu estandarte e tire a espada da bainha; então trocarei com gosto a capa de setim pelo peito de aço, o emblema da folia pela lança dos combates, e nossos concertos melodiosos pelo stridor das trombetas, o sibilo das balas e o trovão da artilheria.

D. FERNANDO.

Sem duvida, á tua morada em França deves essa jocundidade e levesa que caracterisa os vencedores de Marignan.

D. FABRICIO.

Na verdade, a côrte de Henrique II é tão brilhante

como era a de Francisco I. As mulheres, sobre-tudo, ali são encantadoras; mas, os seus lindos olhos não me fizeram esquecer as bellesas do Téjo.

D. FERNANDO.

Muito bem, Fabricio. Sempre o amor da patria prevalece.

D. FABRICIO.

Está gravado em caracteres de fogo no peito de todos os Portuguezes. Fallemos, porém, do nosso festejo..... Tudo nelle respira a maior alegria. El-rei parece de muito bom humor, e tem as maiores attenções para com a rainha, o que não lhe é ordinario; o seu valido, D. Pedro, parece mesmo ter despido o seu ar sombrio, e nunca vi reunidas tantas senhoras formosas; mas devemos confessar que a irmã de D. Pedro, a bella Catharina, as eclipsa todas.

D. FERNANDO.

É, com effeito, a mulher mais perfeita de toda a Peninsula. Feliz daquelle que a possuir!

D. FABRICIO.

Disseram-me, em segredo, que o conde da Castanheira estava a ponto de gosar desta dita. Sua nobresa, e sobretudo suas immensas riquesas, sem duvida lhe alcançaram o consentimento do orgulhoso D. Pedro; porém receio por Mendonça que o de sua irmã seja mais custoso a obter.

D. FERNANDO.

Isto bem poderia acontecer.

D. FABRICIO.

Entre nós, creio que Luiz de Camões, esse joven, esperança da poesia portugueza, não lhe é indifferente; e que, se bem que nada tenha senão a sua lyra e a sua espada, a escolha de Catharina não seria duvidosa. Se não me engano, está por ella abrasado: toda a noite, triste, pensativo, eu vi que della não tirava os olhos.

D. FERNANDO.

Receio que D. Pedro nunca queira consentir em sua união; pois aquella satyra que Camões lhe dirigio sobre sua supposta coragem, lhe inspirou o maior odio!

D. FABRICIO.

Imprudente! Se conhecesse então Catharina, seria mais comedido..... Porém, o festejo está mais animado que nunca, a musica nos chama..... Entremos na sala do baile.....

D. FERNANDO.

Tens rasão..... entremos.

(D. Fernando acompanha D. Fabricio até a grade, e volta.)

SCENA II.

D. FERNANDO, e depois CAMOES.

D. FERNANDO.

Quanto desejava vê-lo afastar-se. A hora chega, e Camões não póde tardar. Querido amigo, possa elle ter conseguido o que tanto desejava! Mas alguem se aproxima....

CAMÕES.

Querido Fernando!

D. FERNANDO.

Ah! és-tu? Então, que novas?

CAMÕES.

Põe a mão sobre meu peito..... vê como palpita de amor e de esperanças.

D. FERNANDO.

Catharina.....

CAMÕES.

Em balde toda a noite procurei occasiao favoravel para fallar-lhe ou entregar-lhe algumas regras; e já começava a desanimar, quando um feliz acaso veio ao meu auxilio. Catharina deixa cahir o ramalhete que ornava o seu seio..... Apanho-o, entrego-lho com a mensagem, e confundo-me com a multidão para melhor observar. De repente, vejo-a desapparecer. Já estava eu na maior inquietação, quando torno a vê-la, e lhe offereço a mão para entrar na sala do banquete. Meus olhos imploravam uma resposta, sua mão tremia na minha, e sentia me desfallecer, quando sua voz meiga e commovida murmurou ao meu ouvido estas palavras apenas articuladas — Ali estarei com Laura —. Então, fugi immediatamente, para roubar aos olhos de todos minha emoção e felicidade.

D. FERNANDO.

E onde vos deveis encontrar?

CAMÕES.

Aqui mesmo. No palacio todos se entregam ao prazer.

D. Pedro está com el-rei, e ninguem reparará na ausencia de Catharina. Em fim, poderei fallar-lhe, descubrir-lhe o que meus olhos mil vezes lhe disseram, e concertar-me com ella sobre os meios de obtê-la de seu irmão.

D. FERNANDO.

Se eu acreditára nos meus presentimentos, todos os teus votos seriam preenchidos. O amor de Catharina, os applausos de teus compatriotas, a estima de teu rei, tudo, tudo te presagia dias venturosos.

CAMÕES.

Ah! meu Fernando, tres objectos fazem ferver o meu sangue, e palpitar o meu peito com força: Catharina, as bellas-artes e o amor da patria..... Mas, que digo? a patria..... ah! seu astro declina..... seu horisonte se escurece!.....

D. FERNANDO.

Dias de gloria renascerão para ella. O sangue dos Viriatos, dos Tantalos, dos Sertorios, ainda gira em nossas veias!.....

CAMÕES.

Sem duvida; mas tambem temos entre nós Coriolanos e Catilinas para abrir ao estrangeiro as portas de nossa Roma.

D. FERNANDO.

Ah! remove estas negras idêas.

CAMÕES.

Attende-me, Fernando. A Luzitania, victima ha

pouco de horriveis desastres, entrega-se a uma cega tranquillidade, quando desgraças maiores ainda a ameaçam. Lisboa, apenas sahida de suas ruinas, reveste os seus trajes festivos, cobre de flores o abysmo que esteve a ponto de anniquila-la toda, e illumina seus edificios meio desmoronados. Porém, males ha que devemos temer mais do que a peste, a fome, os incendios e os terremotos. El-rei adormece sobre os louros que ajuntou aos de seus predecessores; os palacios resplandecem com luzes, e resoam com o estrondo dos instrumentos e as vozes de alegria..... Mas, a inquisição ergue os seus cadafalsos na sombra e forja os seus instrumentos de supplicio, em quanto o jesuitismo apaga em silencio as luzes da sciencia e aguça os punhaes do fanatismo; e estes dous flagellos, nodoas que eternamente offuscarão a gloria de D. João III, submergirão Portugal n'um pelago de lagrimas e de sangue..... A nação tem dinheiro para pagar festejos pomposos, para enriquecer a lisonja.... mas os seus defensores, os bravos Portuguezes, os vencedores de Dio, d'Anafá, de Mumbaça, de Quiloa e de Cananor; os companheiros de Vasco da Gama e d'Avares Cabral, cobertos de cãs e de cicatrizes, gemem em masmorras, morrem a fome nos hospitaes, ou mendigam o triste pão da existencia ás portas destes vís aduladores, para quem são os thesouros e os titulos que deviam remunerar os benemeritos da patria !....

D. FERNANDO.

A posteridade os vingará.

CAMÕES.

Oh ! guerreiros tão infelizes quão illustres ! que não

tenha eu o genio de hum Homero ou de hum Virgilio, para levantar-vos um monumento que, mais duradouro que o bronze e o marmore, pudesse atravessar os seculos, e dizer a todos os povos, a todas as gerações, vossas virtudes e coragem, e a negra ingratidão com que foram pagos vossos serviços.

D. FERNANDO, *á parte.*

Que santo enthusiasmo o anima! o nome de Camões será immortal.

CAMÕES.

Pois, Fernando, vê estas estrellas que marchetam a abobada celeste..... Ellas começam a empalidecer; daqui a algumas horas, apagar-se-hão de todo..... Assim se esvaecerá a gloria da Luzitania.

D. FERNANDO.

Que destino!

CAMÕES.

Alguem se aproxima..... Entra em palacio, afim que não hajam suspeitas, em quanto eu vou divagar nestes bosques sombrios, até que chegue a hora afortunada.

D. FERNANDO.

Tens rasão..... Até logo.

CAMÕES.

Até logo. *(Vão-se.)*

SCENA III.

D. PEDRO, CARLOS DE MENDONÇA.

D. PEDRO.

Caro conde, removei todos estes receios..... Minha irmã nenhum obstaculo porá a vossa felicidade.

MENDONÇA.

Ah! D. Pedro, esta felicidade seria tão grande para mim, que não ouso entregar-me á esperança.

D. PEDRO.

Catharina se ha-de lisongear com a preferencia que lhe dais. Tambem meu pai, antes de morrer, conferio-me todos os seus poderes, e nunca minha irmã terá outro esposo senão aquelle que eu lhe destino.

MENDONÇA.

Ah! Um bem ha que ainda mais ambiciono do que a sua mão, um bem sem o qual todos os mais são inuteis; é a posse de seu coração. Se esta união não fizesse a sua ventura, como poderia ella firmar a minha?

D. PEDRO.

Nada temais, conde: o coração de Catharina está livre, e vosso merecimento, vossos obseqaios o subjugarão facilmente..... Confiai mais em vós mesmo.

MENDONÇA.

Oxalá que não vos enganeis!

D. PEDRO.

Sei que Luiz de Camões, esse joven que não tem outro apanagio além de sua penna e da espada enferru-

jada de seus avôs, atreve-se a lançar os olhos sobre ella; porém, crede que a filha dos Ataides tem o coração muito alto, para alentar as esperanças de hum presumpçoso que só poderia offerecer-lhe uma sorte obscura e miseravel.

MENDONÇA.

Camões seria um rival perigoso..... pois tem tudo quanto é necessario para agradar: figura, genio, nobresa e coragem.

D. PEDRO.

Elle vos não deve inquietar. E de mais, ainda que sua presença fosse de recear, alguns epigrammas, nos quaes nem a mim mesmo poupou, fizeram lhe inimigos na côrte, e tenho nella bastante credito para obter uma ordem de exilio. Asseguram que o rei de Cambai envia seu visir a sitiar Dio, e poderiamos manda-lo colher louros em defesa desta praça.

MENDONÇA.

Tendes rasão; e perdendo toda a esperança, capacito-me de que voltaria inteiramente curado do seu amor insensato. Espero, todavia, que não teremos de chegar a esta extremidade.

D. PEDRO.

Eu tambem o espero. Porém, não tenho vontade de ficar nesta função até o fim. Vou buscar Catharina, que está com as damas da rainha, saudar suas magestades, e partir.

MENDONÇA.

Preveni, pois, sem mais tardar, vossa encantadora irmã.

D. PEDRO.

Tranquillisai-vos. Vou fallar-lhe a vosso favor; amanhã proporcionar-vos-hei uma entrevista com ella, e então podereis declarar-lhe os vossos sentimentos.

(Vão-se.)

SCENA IV.

CAMOES, *voltando só.*

O festejo occupa a todos, e estes lugares vão ficando solitarios..... Não posso vencer minha emoção..... meus joelhos se dobram, respiro apenas, meu coração pula como se quizesse lançar-se fóra do peito..... Se Catharina não viesse..... se não pudesse fugir dos olhos ciosos de seu irmão!.... Oh! não..... Um Deos ha que protege os amantes. Daqui a pouco, ella estará comigo; daqui a pouco estarei a seus pés..... O' amor! dá-me forças para supportar tanta felicidade! Noite que tantas vezes celebrei em meus versos, estende sobre nós os teus mais negros véos! Echos mysteriosos, não reveleis a ouvidos profanos os accentos de nossa ternura!..... Deos! ouço o seu passo ligeiro e timido..... o roçar do seu vestido sobre a relva..... Ah! não é mais que o murmurio da folhagem abanada pela viração da noite! Quanto são tardios para o amante os instantes da espera! As horas são dias, os dias são annos, e os annos são seculos!.... Porém, já não é illusão..... É ella!

SCENA V.

CAMOES, CATHARINA, LAURA, *que fica um pouco ao longe.*

CATHARINA.

Camões.....

CAMÕES, *lançando-se aos seus pés.*

Catharina !

CATHARINA.

Levantai-vos..... moderai estes transportes.....

CAMÕES.

Ah ! deixai-me fallar vos de joelhos.....

CATHARINA.

Camões, levantai-vos, podemos ser surprendidos.... Neste lugar..... a esta hora..... só com vosco..... eu estaria perdida.

CAMÕES.

Ah ! receio que minha felicidade não seja mais que uma illusão, e que ella se esvaeça como uma sombra... Sois vós..... esta mão que aperto é a vossa !

CATHARINA.

Por piedade , fallai mais baixo !

CAMÕES.

Mil cousas tinha a dizer-vos, e agora que estou comvosco, minhas idêas se confundem, minha voz treme , e apenas posso dizer : Catharina, eu vos amo !

CATHARINA.

Amais-me.....

CAMÕES.

Desde o momento em que vos vi pela primeira vez. Desde então, meus dias se gastam sem descanço e minhas noites sem somno. Para mim, não ha felicidade senão nos lugares em que viveis; o ar mais puro é aquelle que respirais, as plantas mais odoriferas são aquellas que pisasteis, tudo quanto vos cerca se reveste de um encanto indizivel..... Longe de vós, tudo é noite, tristesa e solidão.....

CATHARINA.

E amar-me-heis sempre assim?

CAMÕES.

Oh! Catharina, se pudesseis ler na minhe alma, não m'o perguntarieis. Tomo em testemunho o astro pálido que nos allumia, estes globos brilhantes que giram sobre nossas cabeças, toda a naturesa..... Porém não, este juramento não é assás santo..... *(Estende a mão.)* Juro...

CATHARINA.

Basta..... Acredito tanto o meu coração como os vossos juramentos. *(Estendendo a mão sobre a de Camões.)* Juro nunca ter outro esposo senão Luiz de Camões.

CAMÕES.

Deos nos escuta!

SCENA VI.

OS MESMOS, D. PEDRO.

D. PEDRO.

Infamia!

CATHARINA, *escondendo o rosto com as mãos.*

Ah!

CAMÕES.

D. Pedro!....

D. PEDRO.

Eu tambem vos ouvi, a ti vil seductor; a ti, mulher indigna de teus antepassados!

CAMÕES, *pondo a mão á espada.*

Talvez pudesse supportar tuas injurias; mas desgraçado daquelle.....

CATHARINA.

Suspende, Camões!.... Queres perder-nos!

D. PEDRO.

Miseravel, se estes lugares não fossem tão sagrados, já todo o teu sangue teria lavado a nodoa que imprimes no meu nome!....

CAMÕES *a Camões.*

Já é muito!.... e apesar.....

CATHARINA.

Grande Deos! Um duelo nos jardins d'el-rei, e entre quem!..... Camões, eu te supplico! D. Pedro, compadecei-vos da vossa irmã, não façais a desgraça de sua vida: um dia os remorsos vos castigariam!

D. PEDRO.

Infeliz! O titulo de irmã, que invocas, de nada te serve: delle não és digna. (*Aos amantes*) Ouvi-me. Ha pouco, juraveis um amor eterno.... pois bem, juro tambem, juro á face do Céo, que nunca vivereis unidos.

CATHARINA.

Grande Deos ! *(Fica Camões atterrado.)*

D. PEDRO.

Camões, amanhã terás noticias minhas. *(A Catharina.)* Segui-me.

SCENA VII.

CAMOES, *só e immovel.*

Estou anniquilado como se o raio me houvesse ferido... Nunca seremos unidos..... Horrivel vaticinio ! ! ! Oh Catharina ! ver-te, adorar-te, ser amado de ti , e nunca possuir-te !..... Nunca ! Ah ! não ! nada fiz para merecer a maldição do Céo ! *(Na maior furia.)* Catharina ! serás minha ; sim , serás minha , ainda que eu deva disputar-te á Luzitania inteira. *(Parte arrebatadamente.)*

QUADRO II.

Uma sala rica na casa de D. Pedro.

SCENA VIII.

D. PEDRO, LAURA.

D. PEDRO.

Laura ! Laura !

LAURA.

Senhor.

D. PEDRO.

Ide dizer a minha irmã que aqui a espero.

LAURA.

Immediatamente. *(Vai-se.)*

D. PEDRO, *só.*

Meu partido está irrevocavelmente tomado. O conde da Castanheira será o esposo de Catharina, e Camões partirá. Sim, seja como fôr, é preciso afasta-lo da côrte. Póde, com seus talentos, grangear o favor d'el-rei, vir a ser meu rival, e substituir-me no lugar que occupo.... Camões meu rival! Esta idêa me faz estremecer e augmenta o odio que lhe consagro. Não. Darei remedio a isto tudo..... Mas ahi vem minha irmã.

SCENA IX.

D. PEDRO, CATHARINA, LAURA.

CATHARINA.

Meu irmão.....

D. PEDRO.

Laura, retirai-vos. *(Sahe Laura.)*

CATHARINA, *á parte.*

Quanto seu semblante severo me atemorisa!

D. PEDRO.

Approximai-vos, Catharina. Tendes rasão de abaixar

os olhos, depois da scena indigna de que foram hontem testemunhos os jardins de Belém.

CATHARINA.

Não penseis, D. Pedro, que os sentimentos que me animam me façam córar... Eu os confessaria ao universo inteiro; pois quem mais que Camões.....

D. PEDRO.

Catharina! nunca pronuncies diante de mim este nome que odeio.....

CATHARINA.

Quanto lastimo esta cegueira de que estais possuido! cegueira que talvez será a causa de toda a nossa desgraça.

D. PEDRO.

Catharina, uma chamma insensata arde em teu peito; mas crê que nunca frustrará os meus intentos, ainda que devesse apaga-la no sangue do infame que a accendeu.

CATHARINA.

Ah! Não attenteis aos seus dias, pois eu não lhe sobreviveria um instante.

D. PEDRO.

Lembra-te que antes quizera involver-te eu mesmo na mortalha do que ver-te nos braços do teu vil seductor. Desgraçada! sabes a que te espunhas tendo uma entrevista com um homem? uma entrevista no palacio d'el-rei, á face de toda a côrte! Querias n'um instante cobrir de opprobrio o nome dos d'Athaides, illustre ha tantos seculos?

CATHARINA.

Queriamos trocar nossos juramentos até que tivesseis approvado o nosso amor, e que o Céo....

D. PEDRO.

Suspende!..... Deixa de nutrir esperanças que nunca chegarão a realisar-se! He tempo de dizer-te tudo. Carlos de Mendonça, conde da Castanheira, pede-me a tua mão..... É um dos partidos mais brilhantes, e já dei minha palavra.

CATHARINA.

Ah! D. Pedro! é possivel que me sacrifiqueis á ambição que vos devora!

D. PEDRO.

Nada me fará mudar de determinação. É preciso que te esqueças de Camões, e que cases com o conde.

CATHARINA.

Não o espereis..... Nunca! nunca o conseguireis!

D. PEDRO.

Até agora pedi; não me obrigues a mandar.

CATHARINA.

Mandar! E com que direito pretendeis obrigar-me a contractar uma união que detesto?

D. PEDRO.

Com que direito! Esqueceste-te que o nosso pai, já sobre o leito da morte, depois de nos ter abençoado, me confiou o teu destino; e que de joelhos, banháda em lagrimas, lhe promettestc conformar-te aos preceitos de teu irmão!

CATHARINA.

Ah! este dia doloroso está sempre presente na minha memoria..... Ainda vejo esse pai extremoso pedir ao Céo pelos seus filhos, e exhalar o suspiro derradeiro.... Mas, depositando em vossas mãos esses direitos, pensava que não os farieis valer senão para minha felicidade..... Da morada dos justos, aonde agora habita, elle, sem duvida, os revoga; e se, levantando a pedra do sepulchro, apparecesse aos nossos olhos, pedir-vos-ia conta da tyrannia que exerceis sobre a sua filha querida.

D. PEDRO.

Uma cega paixão te allucina. O tempo e a rasão....

LAURA, *annunciando.*

Sua Exc^{a}. o conde da Castanheira.

D. PEDRO.

Póde entrar. É o teu futuro esposo..... e espero que lhe façaṡ bom acolhimento. De mais, lembra-te que posso fazer desterrar Camões para sempre, e que a sua sorte está em tuas mãos.

SCENA X.

D. PEDRO, CATHARINA, MENDONÇA.

D. PEDRO.

Bons dias, conde.

MENDONÇA.

Senhora, permitti que vos tribute as minhas homenagens..... D. Pedro, sou vosso criado.

D. PEDRO.

Então, como achastes o festejo de sua magestade?

MENDONÇA.

Estou encantado delle.

D. PEDRO.

Dizem que durou até de manhã.

MENDONÇA.

Eu o ignoro. Logo que sahistes, o enojo se apoderou de mim, e retirei-me immediatamente.

D. PEDRO.

Em verdade, conde, o que dizeis é muito lisongeiro; porém creio que não é a mim que se dirige este comprimento. Sentai-vos, conde. Tenho algumas ordens a dar ao meu secretario; minha irmã vos fará companhia.

CATHARINA.

Mas.....

MENDONÇA.

Feliz daquelle que nunca tivesse outra!

D. PEDRO.

Espero que vos não aborrecereis. Eu já volto. *(Vai-se).*

SCENA XI.

CATHARINA, MENDONÇA.

MENDONÇA, *á parte.*

Este instante vai decidir da minha sorte.

CATHARINA, *á parte.*

Que vai elle dizer-me !....

MENDONÇA.

Formosa Catharina, vosso irmão, sem duvida, vos revelou o segredo que os meus labios, até agora, não ousaram descobrir vos....

CATHARINA.

Sim, conde, disse-me que vos dignaveis lançar os olhos sobre mim.

MENDONÇA.

Ah ! Catharina, criado longe da côrte, á sombra de nossas bandeiras, não tenho a eloquencia dos nossos cortezões, para pintar-vos os sentimentos que me inspirastes. Mas, crêde que, aceitando a offerta da minha mão e do meu coração, realisarieis o sonho de todos os meus instantes, e que minha felicidade sería sem pár sobre a terra.

CATHARINA.

Ai de mim !

MENDONÇA.

Ah ! como devo eu interpretar esta hesitação ?

CATHARINA, *á parte.*

Meu Deos, dai-me coragem. *(Alto)* Conde, disseram-me que ereis generoso e sensivel..... pois bem, vou fallar-vos como fallaria a meu pai se ainda vivesse.

MENDONÇA.

Fazeis-me estremecer.....

CATHARINA.

Este coração que me pedis, já não é digno de vós.... Outro o possue, e o Céo recebeu os nossos juramentos.....

MENDONÇA.

Que ouço! amais a outro?!

CATHARINA.

Sim, conde..... e esse amor que um mesmo momento accendeu em nossos peitos, sem duvida fará a sua e a minha desgraça.

MENDONÇA.

E esse rival, quem é?

CATHARINA.

Chama-se Luiz de Camões.

MENDONÇA.

Camões! Meus presentimentos não me enganaram... Amais a Camões! Ah! não posso supportar a raiva e o ciume que me devoram!

CATHARINA.

Ah! senhor.....

MENDONÇA.

Não julgueis que deixe o meu rival desfrutar em paz tanta felicidade..... Não! não! Corro a desafia-lo, arrancar-lhe a vida, ou perder a minha!

CATHARINA.

Por piedade, suspendei!

MENDONÇA.

A nada attendo ! Amanhã um dos dous dormirá no tumulo !

CATHARINA.

Pois bem, já que meus rogos, já que minha desesperação vos não pódem abalar, parti... Ide desafiar a Camões; medi vossa força e dextresa contra a sua mocidade e inexperiencia; ensopai no sangue de um Portuguez esse ferro que tantas vezes se tingio no sangue do inimigo.... Porém, lembrai-vos de que, se elle succumbir, o mesmo golpe ferirá a ambos... toda a vossa gloria se esvaecerá, os remorsos vos opprimirão o peito, perturbarão o vosso somno, e sereis apontado como nosso assassino !

MENDONÇA.

Assassino ! Eu assassino !

CATHARINA.

Porém não.... Deixar-vos-eis commover.... A vossos pés.....

MENDONÇA.

Catharina, que fazeis !

CATHARINA.

Imploro a vossa generosidade, pois nenhum outro recurso me resta.

MENDONÇA.

Que pretendeis pois ?

CATHARINA.

Que me renuncieis !..... que de mim vos esqueçais...

MENDONÇA.

Renunciar-vos! Esquecer-vos! Ah! porque antes me não pedis a minha vida! ser-me-ia tão grato vo-la sacrificar!

CATHARINA.

Não consummareis a nossa desventura.....

MENDONÇA.

Oh! meu Deos! poderei eu ver em um instante anniquilada toda a minha felicidade! O' D. Pedro! D. Pedro! porque nutristes em meu peito enganosas esperanças?!

CATHARINA.

Se fordes inexoravel, só nos resta morrer.....

MENDONÇA.

Cruel alternativa! Porém, que vejo! vos chorais.... e essas lagrimas sou eu quem as faz correr; eu que por vós verteria todo o meu sangue gota por gota! Ah! o sacrificio é horrivel, porém indispensavel. *(Com a maior sensibilidade)* Catharina, não serieis feliz comigo, gemerieis em silencio, e o espectaculo de vossa dôr tambem envenenaria minha existencia. Haveriam tres desgraçados... é melhor que eu me sacrifique. Aprendei, pois, a conhecer-me..... *(Com voz suffocada)* Carlos de Mendonça renuncia a vossa mão.

CATHARINA.

Que ouço!

MENDONÇA.

Ainda não é tudo. O rival de Camões..... o rival de Camões tudo fará para facilitar a vossa união. *(Cahe na cadeira)*.

CATHARINA.

O' rasgo sublime ! *(Toma uma mão de Mendonça e a leva aos labios.)*

MENDONÇA, *levantando-se.*

Parto daqui a alguns dias. Vou combatter os inimigos da patria e do meu Deos. As lanças africanas, ou os pesares, em breve me terão livrado de uma vida cheia de amargura.... Pois bem, sêde felizes..... Sómente, não negueis algumas lagrimas á memoria de Mendonça, e lembrai-vos algumas vezes delle, quando a fria lage da sepultura occultar as suas cinzas..... *(Catharina e Mendonça chorão) (A parte)* Que é isto, Mendonça! tu choras! tu soldado da Luzitania!.... Ah! sejamos generoso de todo..... suffoquemos a nossa dôr, e bebamos no calice da amargura até o ultimo trago!

CATHARINA.

Generoso Mendonça ! o tempo e a vossa coragem vos farão triumphar deste amor funesto..... Voltareis, sim, voltareis, e então amar-vos-hemos como um bemfeitor, como um pai !.... Sinto passos.....

MENDONÇA.

Volta D. Pedro.... occultai a vossa emoção: ainda não é tempo de instrui-lo da minha resolução.

SCENA XII.

OS MESMOS, D. PEDRO.

D. PEDRO.

Tudo está terminado. Agora, espero..... Mas, que

quer dizer a tristesa que diviso em vossos semblantes?

MENDONÇA.

Nenhum motivo, porém....

LAURA, *annunciando.*

O Sr. Luiz de Camões.

D. PEDRO, CATHARINA, MENDONÇA.

Luiz de Camões!

MENDONÇA.

Meu rival!

D. PEDRO.

Que cumulo de audacia!

CATHARINA, *á parte.*

Que virá elle fazer!

D. PEDRO.

Prohiba-se-lhe a entrada!

SCENA XIII.

Os Mesmos, CAMOES.

CAMÕES.

Sim, D. Pedro, é Camões. Comprehendo que a minha presença aqui te cause admiração, porém attende-me. Reconheço agora quanto era insensato em pretender a mão de tua irmã. Nada fiz para merecê-la, e nada possuo.... Nada, senão uma vida sem mancha e um nome illustre. Porém, isto não basta. Comtudo, diz-me o que devo praticar para ser digno della. Falla! Queres

riquesas? Parto amanhã..... vôo ás margens auriferas do Brasil, e arranco ás entranhas da terra esse ouro que tanto ambicionas. É-te preciso gloria, acções valorosas? Tomo por devisa « Catharina ou a morte » e parto para Africa. Os Mouros não estão de todo subjugados..... Arremeço-me ao meio das fileiras inimigas, caio trespassado de golpes, ou planto o estandarte da cruz sobre os baluartes onde fluctuão as luas do falso propheta, e volto a pôr aos pés de Catharina os tropheos ds victoria.

CATHARINA.

Meu irmão! meu irmão! não sejais inexoravel.

MENDONÇA.

Não sirva eu de obstaculo á sua felicidade!

D. PEDRO.

E vos tambem, conde!

CAMÕES.

D. Pedro! nossos pais dormem na mesma terra..... O sopro da morte apagou o seu odio. Não eternisemos as suas discordias..... Que a voz do sangue triumphe uma vez do resentimento..... Não faças a desgraça eterna de dous entes que o Céo formou um para o outro. Feri a tua soberba..... pois bem, meu orgulho se dobra diante de ti. Julga por meu procedimento da força do meu amor.... Aquelle que te supplica..... é Luiz de Camões!....

CATHARINA, *ajoelhando-se.*

Quem está aos vossos pés é Catharina, vossa irmã, que tanto amastes!

MENDONÇA.

D. Pedro !

D. PEDRO.

Levanta-te Catharina. (*Tira um papel da cinta e dá-o a Camões.*) Luiz de Camões, aqui tens a minha resposta!

CAMÕES , *lendo.*

« A' requisição de D. Pedro, e vistos os motivos por « elle expostos, desterramos Luiz de Camões para San- « tarém , até que seja do nosso real agrado chama-lo « outra vez. — D. João III. » (*Tremendo de colera*) Infamia !

CATHARINA.

Ah ! é horrivel !

MENDONÇA.

Que ouço !

CAMÕES , *suffocado.*

Es-tu o autor deste trama monstruoso , tu , nobre e Portuguez ! Não! não és nobre nem Portuguez! És um cobarde, um vil calumniador , capaz de profanar o tumulo de teu pai, e de vender a tua irmã por algum titulo ou riquesas.

D. PEDRO.

Miseravel ! agradece a esta ordem do monarca, que te salva do meu furor.... Porém, minha vingança é apenas differida ! Tua espada !

CAMÕES.

Minha espada ! a ti minha espada ! Este ferro que meu pai moribundo me legou todo tinto ainda do sangue

do inimigo, se sahisse da bainha, só seria para cravar-se no teu peito!!!

MENDONÇA, *á Camões, a parte e tomando-lhe o braço.*

Camões, dá ouvido a um homem que se interessa por ti mais do que pensas..... El-rei manda, cumpre obedecer! Segue-me! *(A D. Pedro.)* Respondo por elle.

D. PEDRO.

Que quer iste dizer?!

CATHARINA.

Camões! Camões! *(Quer correr para elle, porém D. Pedro a segura fortemente pelo braço, e o seu gesto é terrivel e ameaçador.)*

CAMÕES, *detido por Mendonça, que aponta para a sahida.*

Catharina!.... *(A D. Pedro.)* Monstro! Possa um dia o inferno abrasar o teu peito com todas as furias que dilaceram o meu!

Quadro.

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO.

QUADRO III.

Uma ermida perto de Lisboa.

SCENA I.

O HERMITAO, *só, perto de uma janella.*

Vai-se o sol escondendo além dos montes..... Um dia ainda decorreu, e mais um passo deu o homem nesta vereda que conduz ao tumulo!

Quão bella é a naturesa! Que scenas sublimes não offerece áquelles que, longe do tumulto das cidades, das intrigas das côrtes, gastam na solidão uma vida isenta das paixões que atormentam o vulgo! Sendo a vida tão breve, como é possivel que despresem os homens esses gosos verdadeiros, para correr apoz um fantasma, a que chamam felicidade! Para elles são as inquietações, os pesares e ás vezes os remorsos; em quanto, no remanso da paz e da tranquillidade, alguns, mais prudentes, esperam, sem temor, o dia derradeiro.

Um silencio religioso reina na extensão destes campos; a noite vai estendendo o seu vêo sobre a terra, em quanto o occidente ainda se abrasa com os ultimos raios do sol.

Ah! á vista de tanta grandesa e magnificencia, quem não reconheceria a omnipotencia de um Deos? O atheo, sem duvida, nunca contemplou táes scenas!.. Mas, dous homens se dirigem para este sitio.... são cavalheiros... Será a mim que elles procuram?.... Que me quererão elles? *(Vai-abrir.)*

SCENA II.

O Mesmo, D. FERNANDO, D. FABRICIO.

D. FERNANDO.

Deos vos guarde, veneravel ancião... Receavamos não vos encontrar aqui.

O HERMITAÕ.

Bem longe estava eu de esperar pela honra que fazeis a um pobre solitario, entrando em sua humilde habitação.

D. FABRICIO.

Somos nós, meu pai, que nos achamos honrados por penetrar no alvergue de um homem tão conhecido por sua piedade e saber.

O HERMITAÕ, *inclinando-se.*

Ah! senhores.... Porém, poderei eu saber a que fim vindes?

D. FABRICIO.

Satisfazer-vos-hemos em poucas palavras.

D. FERNANDO.

Sem duvida, conheceis este joven a quem suas poesias já fizeram tão celebre?

O HERMITAÕ.

Luiz de Camões?

D. FERNANDO.

Justamente. Tambem sabeis que foi desterrado para Santarem?

O HERMITAÕ.

Sim; porém, ignorava-se ainda o que motivou tão rigorosa medida.

D. FERNANDO.

Agora, tudo sabereis. O amor mais puro, e o odio de um homem poderoso, causaram a sua desgraça.

O HERMITAÕ.

Amor e odio... Quantos males o ameaçam. Prosegui.. prosegui....

D. FERNANDO.

Adora a uma joven e formosissima donzella, que tambem o ama em extremo, e uma união preencheria todos os seus votos.

O HERMITAÕ.

E quem se oppõe a isto?

D. FERNANDO.

Um irmão, homem insensivel e egoista.... D. Pedro d'Athaide....

O HERMITAÕ,

O valido d'el-rei?!

D. FERNANDO.

Elle mesmo. E quer casa-la com hum fidalgo, oh! sem duvida, o mais virtuoso; mas a cujo amor não póde corresponder.

O HERMITAÕ.

Que perversidade!

D. FERNANDO.

D. Pedro está ausente ha dous dias; Camões voltou em segredo, e os amantes devem vir aqui ao anoitecer, para receber de vos a benção nupcial. Depois procurarão um asilo na Hespanha, donde embarcarão para a França.

O HERMITAÕ.

A sorte destes jovens muito me interessa.... mas o que me pedis é bem difficil.

D. FABRICIO.

Ah! meu pai! não temos nenhum recurso senão em vós.... Do vosso consentimento depende a sorte de Camões e de Catharina.

D. FERNANDO.

Daqui vejo o altar, o ministro está presente, as testemunhas estão promptas, e os amantes não devem tardar.

O HERMITAÕ.

Sabeis que ha outras formalidades.... Comtudo esperai um pouco.... *(Reflicte.)*

D. FABRICIO *a D. Fernando.*

Quanta inquietação sinto!

O HERMITAÕ.

D. Pedro é poderoso, e não devo dissimular-vos que este negocio póde ter consequencias funestas para todos. Todavia, comprehendo que a amisade vo-las occulte. Quanto a mim, só devo consultar minha consciencia, e ella me diz que farei uma acção agradavel a Deos, arrancando uma desgraçada ao seu perseguidor, e prevenindo assim os males que podem resultar de uma união forçada.

D. FERNANDO.

Ah! meu pai! É n'um rustico asilo, sob o humilde trage de hum solitario, e não nos palacios pontificios, que se deve procurar a pratica de todas as virtudes christãs.

D. FABRICIO.

O sol está no seu occaso: não podem tardar.

D. FERNANDO.

Sinto rumor....

D. FABRICIO.

Ah! sem duvida, são elles! *(Corre a abrir.)*

SCENA III.

Os Mesmos, CAMOES, CATHARINA.

CAMÕES E CATHARINA.

Meu pai!

O HERMITAO.

Bem vindos sejais!

CAMÕES, *apertando a mão a D. Fernando e a D. Fabricio.*

Meus bons amigos !

D. FABRICIO.

Tudo está entendido.

D. FERNANDO.

Esta mesma noite sereis esposos.

CATHARINA.

Esta noite.....

CAMÕES.

Oh ventura !

O HERMITAÕ.

Meus filhos, reflecti bem na santidade dos laços que vão prender-vos, e nas obrigações que ides contrahir. Tambem, não receais que a vingança....

CAMÕES.

Abandonaremos estes lugares para sempre. Um canto do universo, alumiado por um raio do sol e tapeçado de relva, uma gruta, uma choupana, e nosso amor, bastarão para nossa felicidade.

CATHARINA.

Sim : com isto nada teremos a invejar aos outros homens.

O HERMITAO.

Meus filhos, o amor vos faz delirar ; porém eu vos desculpo. Camões, tu não és daquelles que devem acabar a vida no isolamento e na obscuridão !.... As circumstancias, sem duvida, mudarão, então poderás voltar, e voltarás, pois te reclama a patria !

3*

CAMÕES.

A patria ! Ah !....

O HERMITAÕ.

Sim, a patria, essa mai querida, que precisa do teu braço para defendê-la, de tua lyra para immortalisa-la ; e o exemplo de tantos heróes portuguezes assás nos ensina que tudo se lhe deve sacrificar.

CAMÕES.

Os meus derradeiros suspiros serão para ella.... *(A Catharina)* e para ti.

CATHARINA.

E nunca o amor de Catharina procurará roubar-lhe um filho.

O HERMITAÕ.

Jovens virtuosos, sois dignos hum do outro ! *(Apontando para o gabinete.)* Vindes prostrar-vos aos pés do altar : Deos ratificará no Céo a união que vou formar sobre a terra. *(Vão entrar, quando se ouve rumor fóra.)*

D. FERNANDO, D. FABRICIO.

Estamos descobertos !

CAMÕES, CATHARINA.

Grande Deos ! *(Batem com força.)*

D. PEDRO, *de fóra.*

A casa é esta! Entrai, senhores !

CATHARINA.

A voz de meu irmão !

TODOS, *menos Catharina.*

D. Pedro !

SCENA IV.

OS MESMOS, D. PEDRO, *um* CAPITAÕ, *oito* SOLDADOS.

CAMÕES.

Maldição !

D. PEDRO.

Sim, é D. Pedro, miseraveis ! é D. Pedro que de tudo foi informado. Ainda chego a tempo. *(Ao capitão.)* Senhor ! o delicto está patente. Camões despresou a ordem que o desterra, para commetter um rapto infame. *(A Catharina.)* E tu, desgraçada, prepara-te para responder ao teu juizo !

CAMÕES, *tremendo de furor.*

Infame!.... (*Quer lançar-se sobre D. Pedro ; D. Fernando e D. Fabricio o detêem.*)

CATHARINA.

Parece-me que isto tudo é um sonho horrivel!...

D. PEDRO.

Sim, é um sonho cujo despertar será terrivel !

CAMÕES.

Foi o inferno que te vomitou sobre a terra para o nosso eterno infortunio; porém, desgraçado de ti se a menor violencia....

D. PEDRO.

Tuas ameaças não me inspiram mais que compaixão e

despreso.... (*Ao Hermitão.*) E tu, velho ousado, teme a vingança de D. Pedro ! Tambem estás preso !

CAMÕES.

Que indignidade ! Preso este veneravel ancião !

CATHARINA.

E por nosso respeito.... Oh ! meu Deos !

D. FERNANDO.

Semelhante procedimento attrahirá sobre ti a execração de Portugal inteiro.

O HERMITAÕ.

Amigos, ponde o freio aos transportes de vossa indignação. (*A D. Pedro.*) Lastimo a tua cegueira, e não temo senão a Deos ! Com que direito violas-tu este asilo? Acaba, impio ! Calca aos pés a imagem do teu creador, e assassina o seu ministro ao pé do seu altar !

D. PEDRO.

Sua magestade....

CAMÕES, *com vehemencia.*

Não prosigas ! O Senhor D. João é bom e justo; mas, o melhor dos monarchas torna-se tyranno, quando se deixa guiar pelos conselhos de ministros ambiciosos, perversos e hypocritas, que, menospresando todas as leis da honra e equidade, só querem elevar-se, ainda que seja sobre as ruinas da patria.

D. PEDRO.

Negarás tu, que uma união clandestina...

O HERMITAÕ, *interrompendo-o.*

Sim, ainda alguns instantes, e a tua victima te esca-

pava! Accusas-nos.... Ah! desgraçado! interroga a tua consciencia, e ella te dirá que tu só es culpado.... Se fôr a vontade do Céo, acabarei em ferros os poucos dias que me restão a viver; mas, antes disto, resoará minha voz ao pé do trono, e ella clamará justiça!

D. FERNANDO E D. FABRICIO.

Justiça clamaremos!

D. PEDRO.

E eu castigo a tanta audacia.

O HERMITAÕ.

D. Pedro, já te perdôo os males que poderás fazer-me.... Coragem! segue a carreira que trilhas.... mas, na extremidade acharás hum abysmo, e este abysmo te devorará! (*D. Pedro estremece.*) Attende-me: é o Céo que te falla por minha voz! Um dia, serás o mais miseravel dos homens; chorarás em lagrimas de sangue as desgraças que tiveres causado; e o teu nome, sim, o teu nome será para sempre amaldiçoado! (*Aos guardas.*) Estou prompto a seguir-vos.

D. PEDRO.

Velho visionario! não me podem tuas prophecias intimidar. D. Fernando, D. Fabricio, el-rei será informado do vosso procedimento. (*Aos Guardas.*) Senhores, respondeis por Camões. Partamos!

CAMÕES, *em tom prophetico.*

D. Pedro! D. Pedro! talvez que um dia nos tornemos a encontrar!

QUADRO IV.

Uma quinta de D. Pedro, a algumas leguas de Lisboa. Uma sala baixa, toda aberta sobre o jardim, terminado por hum muro alto. A' direita do espectador, a façada de huma casa nobre. É noite, e toda a scena está allumiada pelo luar.

SCENA V.

CATHARINA, *só.*

O que será feito de Camões ?! Depois que nos separaram, no momento em que todos os nossos votos ião ser preenchidos, não ouvi mais fallar delle. Qual será a sorte que o aguarda? O cativeiro, o exilio talvez.... Ah! se eu pudesse sahir desses lugares, iria lançar-me aos pés d'el-rei.... Eu lhe diria: Senhor, illudem-vos. Se amar é um crime, então sim, Camões é criminoso.... porém, sou tão culpada como elle.... Perdoai-nos, e rogaremos ao Eterno que vos conceda dilatados dias de felicidade e de gloria!... Eis o que eu lhe diria, e mil outras cousas capazes de o commover. D. João é piedoso.... accolheria minhas supplicas com bondade, e todos os nossos males serião terminados. Sim, estou resolvida: é preciso que eu falle com el-rei.... Partamos.... Mas, que digo? estes muros me cercão, esta porta fatal está sempre fechada, e meu irmão, meu cruel irmão, tem continuamente os olhos sobre mim! Ah! desgraçada! (*Senta-se sobre um banco de pedra e chora.*)

SCENA VI.

CATHARINA, LAURA, *que chega com precaução.*

LAURA.

Senhora....

CATHARINA.

Es-tu, Laura?... Que vens annunciar-me?

LAURA.

Nada pude descobrir acerca do senhor Camões; porém soube que D. Fernando partira para o Brasil, e que D. Fabricio fôra desterrado para Santarém.

CATHARINA.

Tal é a asperesa do nosso destino, que nossa desgraça se extende sobre todos quantos por nos se interessam.

LAURA.

Sinto passos.... D. Pedro se aproxima.

CATHARINA.

Sem duvida, ainda vem exprobar-me o meu amor... Recolhe-te, Laura; todavia não te affastes muito.

LAURA, *indo-se.*

Infeliz!

SCENA VII.

D. PEDRO, CATHARINA.

D. PEDRO.

Catharina, não vos venho fazer arguições já inuteis.

Despresastes os meus conselhos, minhas representações.. Uma louca paixão apagou em vosso peito todo o sentimento de vossos deveres ; mas cumpria-me , mesmo a vosso pesar, soster-vos sobre a borda do abysmo em que ieis precipitar-vos , contrahindo uma alliança clandestina com o filho do inimigo mortal do vosso pai , com o infame que me ameaçou e cobrio de vituperio....

CATHARINA.

Meu irmão....

D. PEDRO.

Devo principiar por declarar-vos que todos os vossos esforços me não farão mudar de proposito.... Todos os vossos rogos iriam quebrar-se contra huma vontade de ferro.

CATHARINA.

Oh ! D. Pedro ! Quantos pesares , quantos remorsos amontoais sobre a vossa cabeça !

D. PEDRO.

Dia virá em que aprovareis minha firmesa. Tambem , nenhuma esperança vos pode restar. El-rei desterrou Camões para a India.

CATHARINA.

Para a India !

D. PEDRO.

E a náo que deve conduzi-lo parte amanhã , ou antes já partio.

CATHARINA.

O' meu Deos !

D. PEDRO.

Vede, pois, que nenhuma esperança vos póde restar, e que o melhor que podeis praticar, é merecerdes o perdão do vosso irmão, conformando vos com os seus desejos.

CATHARINA.

D. Pedro, se um de nós precisa de perdão, sois vos, e não eu. Quanto a vossa amisade, a de um irmão sensivel e generoso seria um thesouro para mim; mas ha muito que em vos não vejo mais que um tyranno, sedento de lagrimas, e que sacrifica sua irmã á sua insaciavel ambição.

D. PEDRO.

Pouco me importa. Antes de tres dias sereis a esposa do conde, e nunca tornareis a ver Camões.

CATHARINA.

D. Pedro, agora devo-eu tambem dizer-vos que nutris falsas esperanças. Podeis arrastrar-me ao templo, porém, nunca nelle farei outra promessa, que não seja a de pertencer a Luiz de Camões, e de ama-lo até o ultimo suspiro.

D. PEDRO.

Catharina, lembrai-vos que um claustro....

CATHARINA.

Um claustro! Ao menos nelle poderei chorar em paz; nelle não serei continuamente atormentada com a vossa presença.

D. PEDRO.

Sabes, desgraçada, o que é uma reclusão eterna?

Ali, tua mocidade se gastará na solidão e no esquecimento; os pesares, as lagrimas, a desesperação murcharão tua formosura antes do tempo.... Implorarás a teu irmão, mas seu coração ter-se-ha tornado frio e insensivel como o marmore do sanctuario, e votos irrevogaveis te encadearão aos pés dos altares!

CATHARINA.

Ah! porque me não precipitais de uma vez no tumulo que lentamente me cavais? Já que não posso pertencer a Camões, que me importa a vida?! Não é, por ventura, o tumulo um asilo mais seguro, mais negro, mais silencioso? Coroai a vossa obra..... Depois te me terdes arrancado tantas lagrimas, derramai tambem o meu sangue. O que é que vos detém? Se quereis que me esqueça de Camões, arrancai do meu peito a sua imagem adorada.... Ah! comprasei-vos em torturar o coração de huma fraca mulher, mas sei, D. Pedro, que o aspecto do sangue vos faz empalledecer.

D. PEDRO.

Sahi! sahi de minha presença, ou tudo receai do meu furor!

CATHARINA.

A desesperação me deu bastante coragem... Lembrai-vos tambem que nada me fará mudar de resolução.

(Vai-se.)

SCENA VIII.

D. PEDRO, *só.*

Quanto mais este miseravel é amado, quanto mais resistencia me oppõe Catharina, tanto mais sinto crescer o odio de que estou possuido! Como se enganam sobre os motivos desse odio! Bem pouco me importam as desavenças dos nossos pais. Porém, ter feito toda a côrte duvidar da minha coragem, ter-me injuriado e provocado duas vezes.... Essas são offensas que nunca se perdoem, e que nunca lhe perdoarei. Mas em breve as ondas o levarão para longe da patria.... E se ellas o não submergirem, ao menos sua gloria, sua esperança, seu amor, todo o seu futuro, irão sepultar-se em longinquo desterro.

SCENA IX.

D. PEDRO, CARLOS DE MENDONÇA.

MENDONÇA.

D. Pedro !....

D. PEDRO.

Sois vos, conde ! Que motivo vos conduz aqui a esta hora ?

MENDONÇA.

Quanto estimo encontrar-vos.

D. PEDRO.

O que acontece ? fallai !

MENDONÇA.

Obtivestes uma ordem de exilio contra Camões , e deve partir para a India....

D. PEDRO.

Nada ha mais certo.

MENDONÇA.

Pois bem , é preciso que esta ordem se revoga , que Camões fique.

D. PEDRO.

Que dizeis, conde?

MENDONÇA.

Sim, obtereis facilmente o perdão deste desgraçado joven.

D. PEDRO.

Em verdade, semelhantes palavras, e por vós proferidas, me admiram e me confundem.

MENDONÇA.

Attendei-me , D. Pedro. Amo a vossa irmã , tanto quanto póde amar hum coração de homem. A possa de sua mão ter-me-ia feito o mais feliz dos mortaes..... Mas o destino não quiz.... Camões obteve o seu amor , e Camões é digno delle.

D. PEDRO.

Conde da Castanheira , podeis, se assim vos parece, renunciar á mão da minha irmã. Não faltam homens illustres que ambicionem esta alliança... Porém, persua-

di-vos de que nunca será esposa de Camões, ainda que elle descesse de Viriato em linha recta, que tivesse o genio de Ferreira, e que possuisse todos os thesouros do Mexico.

MENDONÇA.

A familia de Camões, por menos antiga, não deixa de ser tão illustre como as nossas; seu nome talvez um dia faça esquecer o de Ferreira, e a gloria pessoal é mil vezes preferivel a todas as riquesas, a todos os titulos herdados, que nada valem quando cahem entre as mãos de homens que não imitão as virtudes de seus antepassados! Ah! se, para ser feliz, só lhe faltassem os bens da fortuna, não tardaria eu em remover este obstaculo!

D. PEDRO, *com ironia.*

Ninguem mais do que eu, conde, admira vosso procedimento liberal, e a generosidade de vossos sentimentos; porém não vos lisongeeis de mudar uma resolução que os rogos e as lagrimas de Catharina acharam inabalavel.

MENDONÇA.

D. Pedro, sei que o odio implacavel que tendes a Camões fecha vosso coração a todos os sentimentos de piedade.... Mas lembrai-vos que vossa irmã o ama, que nunca poderá ser feliz sem elle, e que devemos sacrificar os nossos resentimentos, quando disto depende a ventura de nossa familia.

D. PEDRO.

Conde, não preciso que me advirtam do que me cumpre fazer. A ordem que obtive está revestida de todas

as formalidades, e Camões partirá. Agora sou vosso criado. *(Apontando para a porta)* Se quizerdes descançar.... *(Entra.)*

SCENA X.

MENDONÇA, *só.*

Este homem nada terá de humano? Nem as lagrimas de uma irmã, nem a desesperação de um infeliz, nem os rogos de um amigo, podem commovê-lo! Comtudo, cumpre não desanimar. Tentemos ainda alguns esforços, e se forem infructiferos, então lançaremos mão de um ultimo meio. Constancia, Mendonça! Tu o promettes-te..... Se não pudeste grangear o amor de Catharina, ao menos, amontoa sacrificios que te grangêem direitos incontestaveis á sua amisade. O teu coração ha de ainda muito tempo, e talvez sempre, gotejar sangue.... Mas já que ella não póde amar-te como esposo, ao menos ame-te como pai, e conheça emfim que tua alma era digna da sua. *(Entra.)*

SCENA XI.

CATHARINA, *só, sahindo por outra porta.*

Meu irmão recolheu-se.... Não sei para onde fuja afim de evitar sua vista, pois já começa a inspirar-me horror...

Ah! venha o claustro, uma prisão perpetua, a morte, sim, a morte mesmo, ella só póde livrar-me da presença deste perverso!

SCENA XII.

CATHARINA, CAMOES.

CAMÕES.

Catharina!....

CATHARINA.

Esta voz!... Deos! Camões!

CAMÕES.

Sim, querida, sou eu, o teu amante....

CATHARINA.

Como entrastes aqui?

CAMÕES.

Saltei pelo muro....

CATHARINA.

E esta ordem de desterro?

CAMÕES.

Sim, sou desterrado, talvez para sempre; mas partir sem ver-te era mil vezes peior do que a morte. Suppliquei ao commandante do navio, em nome de tudo o que tinha de mais caro, de deixar-me desembarcar, promettendo-lhe voltar para a hora da partida. Fez-me jurar pela honra, e deixei em penhor a espada de meu pai.

CATHARINA.

E quando parte o navio ?

CAMÕES.

Esta mesma noite. Dous tiros de peça devem dar o sinal.

CATHARINA.

Esta noite ! Camões, agora que estais ao meu lado, nada receio. Venha D. Pedro , fira a ambos , ao menos morreremos nos braços um do outro, confundir-se-hão nossos derradeiros suspiros , e talvez , por piedade, lancem nossos corpos na mesma sepultura.

CAMÕES.

Ah ! Catharina ! Essas expressões do teu amor ainda tornão nossa separação mais cruel.

CATHARINA.

Porque déstes esse juramento ! talvez pudessemos partir juntos.

CAMÕES.

Devia dá-lo , ou partir sem ver-te !

CATHARINA.

Porém não desesperemos de tudo. A Luzitania leva suas armas ao Oriente.... Parte com ellas ! vai ceifar louros, alcança o favor do monarcha , faze o teu nome illustre , volta , e vencerás todos os obstaculos !

CAMÕES.

Sim , Catharina , eu te obterei a força de gloria. Animado por tão doce esperança, nada poderá resistir-me. Tambem escuta-me. Um fogo , sim , um fogo divino arde

em meu peito.... Durante meu desterro, para descançar dos combates, celebrarei aquelles invictos Portuguezes, esses navegadores intrepidos que, abandonando os patrios lares; chegárão ás plagas orientaes *por mares nunca dantes navegados*; estes heróes que por altos feitos *se forão da lei da morte libertando*; o amor da patria scintillará em meus versos, e levantar-lhe-hei hum padrão immortal, *se a tanto me ajudar o engenho e a arte.*

CATHARINA.

E eu, durante a tua ausencia, affrontarei a tyrannia do meu irmão.... e viverei de lagrimas até teu regresso. Sim, ainda seremos felizes.... A noite passada, vi-te n'um sonho encantador. Um raio celestial allumiava teu semblante; estavas coberto de aço como os nossos antigos cavalheiros; com uma mão sustentavas um livro; na outra scintilava uma espada; as palmas da gloria cingiam-te a fronte, e as nações respeitosas curvavam-se diante de ti. Eu estava sentada ao teu lado, vestida de branco, toucada de flores, e um jubilo celestial dilatava o meu peito.

CAMÕES.

Oh! Catharina! um amor tão santo como o nosso, deve hum dia ter sua recompensa.... porém, é preciso compra-la com sacrificios inauditos.... Pois bem, eu os farei todos; não terei um momento de descanço até que eu te tenha merecido.

CATHARINA.

Sinto passos.... Se fosse meu irmão.... Ah! foge.... foge!

SCENA XIII.

OS MESMOS, MENDONÇA.

CAMÕES.

Mendonça !

MENDONÇA.

Que vejo ! Camões ! Camões aqui !...

CATHARINA.

Ah ! por piedade , não nos percais !

MENDONÇA.

Eu! perder-vos! quando accabo de recorrer aos rogos para salvar-vos ! (*A Camões.*) Mas como estais aqui ?

CAMÕES.

Dei a minha palavra.... Um juramento me liga.

MENDONÇA.

D. Pedro foi inflexivel, porém tudo não está perdido. O navio ainda espera despachos do primeiro ministro, e é possivel que se não faça de vêla senão amanhã. Corro a lançar-me aos pés d'el-rei, que está em Belém... faço valer todos os meus serviços , obtenho delle o perdão de Camões, e supplico-o que se interesse por vós. Será bastante?

CAMÕES.

Ah ! sois incomparavel !

CATHARINA.

Sereis para nós mais que um homem , sereis um anjo!

MENDONÇA.

Quero ser vosso amigo. Camões, deixa estes lugares. A manhã de manhã estarei de volta.

CATHARINA.

Ah! que os Céos inspirem clemencia ao rei!

CAMÕES.

A esperança, ha tanto ausente, tornou a entrar em meu peito.... É possivel! Eu não partiria, e seria teu esposo!

CATHARINA.

Ah! O destino, sem duvida, cançou de perseguir-nos.... Deos teve piedade de nós, já que nos envia tal bemfeitor! Camões, prostremo-nos para agradecer-lhe... *(Ouve-se um tiro de peça.)*

CAMÕES.

Deos!!!! Ouvistes!!?

MENDONÇA.

Que é isto?!

CAMÕES.

O sinal da partida!

CATHARINA.

Não, não é possivel.... é uma illusão! *(Segundo tiro.)* Ah!...

MENDONÇA.

Tudo está perdido!

CAMÕES.

Não, não é illusão.... é a horrivel realidade.

CATHARINA.

Camões, não partirás.... Nenhum poder humano te arrancará dos meus braços!

CAMÕES.

Um perjurio talvez custasse a vida ao commandante, meu nome seria coberto de opprobrio, e meu pai me amaldiçoaria do fundo da sepultura.

MENDONÇA.

Antes morrer do que faltar a um juramento.

CATHARINA.

O' meu Deos!

CAMÕES.

Catharina, é forçoso separar-nos.... não enfraqueças a minha coragem.

CATHARINA.

Coragem.... pois bem! tenho bastante... Já não choro.... *(Soluça.)* Mas espera.... Quem sabe se esta separação.... Toma este annel, em sinal da minha eterna constancia.

CAMÕES.

Um dia, hei-de t'o trazer... Catharina, um abraço... o da despedida.... *(Abração-se.)*

CATHARINA.

Oxalá que não seja o ultimo!

CAMÕES, CATHARINA.

Adeos! Adeos!

MENDONÇA.

Meus filhos! confiai na providencia!

CATHARINA, *de joelhos.*

O' meu Deos! velai sobre seus dias!

Quadro.

FIM DO SEGUNDO ACTO.

SEGUNDA ÉPOCA.

REINADO DE D. SEBASTIÃO.

ACTO TERCEIRO.

QUADRO V.

Um parlatorio.

SCENA I.

CATHARINA, LAURA.

CATHARINA.

Toma, minha Laura, toma este adereço.... É quanto me resta da minha antiga opulencia. Hoje me é inutil, e a ti pôr-te-ha ao abrigo da indigencia.

LAURA.

Ah ! senhora....

CATHARINA.

Aceita.... Sei que tantos annos de serviços desinteressados não se pagam nem com joias, nem com ouro, mas nada possues, e faço-te esta offerta, como penhor de minha estima e affeição.

LAURA.

Ah ! que não posso passar o resto de meus dias comvosco !

CATHARINA.

É impossivel. Os votos que hontem formei desligaram-me de tudo quanto pertence á terra. A solidão e a oração serão de ora avante minha partilha. Devo até suffocar as minhas saudades.... Possa Deos dar-me a força necessaria. Tu choras, Laura.... Ah ! tem mais constancia do que eu: tuas lagrimas excitam as minhas, que com custo reprimo.

LAURA.

E como poderei eu deixar de derrama-las , quando a vossa sorte enternece até aquelles que não sabem quanto sois desventurada !...

CATHARINA.

Que queres dizer ?

LAURA.

Sim, este veneravel missionario que ha dous dias reside no convento, assistio hontem á ceremonia dos vossos votos ; e quando proferistes o juramento fatal, em quanto o bispo cobria-vos do véo que vos separa do mundo , vi-o titubiar , empaledecer , e seus olhos já quasi apagados se arrasaram de lagrimas.

CATHARINA.

Talvez esta ceremonia solemne dispertasse-lhe recordações melancolicas. Minha Laura, desejo ficar só alguns instantes.... Vai-te.... porém, antes de partir, vem receber meus derradeiros adeoses. (*Laura afasta-se chorando.*)

SCENA II.

CATHARINA *só.*

O sacrificio está emfim de todo consummado. Mas, que digo? um sacrificio? Depois de ter esperado Camões tantos annos com lagrimas, não recebi eu a noticia de sua morte? Infeliz! Definhaste no desterro, longe de tua amada, e as saudades cavaram-te a sepultura. São estes pois os dias venturosos que o futuro nos promettia! Como não me ferio a morte, quando esta porção de mim mesma se extinguio! As nossas almas terião voado juntas para a eternidade.... Mas Deos não o quiz.

Ainda se eu tivesse recolhido seu derradeiro suspiro... Se suas cinzas dormissem na patria, se eu pudesse chorar sobre sua campa e semea-la de flores, seria minha dôr menos amarga.... Porém não..... a terra do exilio devora os seus restos, e delle só me fica a lembrança dos nossos amores e saudades eternas....

Mas, são estes os sentimentos que devem ferver em meu peito, depois dos votos que acabo de proferir?... não deve a religião tudo apagar?... Tudo apagar! Ah! nem a propria morte o pode conseguir. E eu pensar que poderiamos ter sido tão felizes! O' meu irmão! meu irmão! quanto és culpado! Decahido da real affeição, agora tambem erras por terras estranhas, sem fortuna... Ah! qualquer que seja a tua sorte, não te devem os remorsos deixar um momento de socego. (*Senta-se, esconde o rosto nas mãos e chora.*)

SCENA III.

CATHARINA, UM MISSIONARIO, *que entra sem ser visto, e silencioso contempla Catharina.*

O MISSIONARIO, *á parte.*

O' meu Deos! Eis aqui o fructo do odio e da ambição! Tão bella, joven ainda, e tão desgraçada!

CATHARINA.

Ah! sois vos meu pai!

O MISSIONARIO.

Sim, minha filha. Vejo que pesares occultos vos devoram, e não quiz partir sem primeiro dirigir-vos algumas palavras de consolação.

CATHARINA.

E o que póde inspirar-vos tanto interesse para comigo?

O MISSIONARIO.

A piedade, o amor do proximo, este sentimento ingenito no coração de todos os homens, e que só o vicio póde suffocar.

CATHARINA, *á parte.*

Ah! Se eu o tivesse encontrado em meu irmão, não seria hoje tão desgraçada!

O MISSIONARIO.

Minha filha, volvei os olhos para um mundo melhor. No estado que acabais de abraçar, não gosareis, é ver-

dade, essa felicidade sem par que havieis sonhado ; mas, ao menos, achareis nelle, longe do turbilhão do mundo, ao abrigo das paixões que agitam os homens, uma existencia tranquilla.... e quando tiver dado a hora extrema, adormecereis no somno do justo, para dispertar no seio da divindade.

CATHARINA.

Possa essa hora não tardar.

O MISSIONARIO.

Lembrai-vos que esta vida não é mais que uma viagem rapida, um tempo de provas, e que todos....

LAURA, *annunciando.*

Senhora, senhora, um individuo, chegado da India, pede com instancia licença para fallar-vos....

O MISSIONARIO, CATHARINA.

Da India!

CATHARINA.

Ah! Talvez conhecesse a Camões! talvez me traga seu ultimo adeos!...

LAURA.

Elle chega.

SCENA V.

OS MESMOS, CAMOES, *trajado de cavalheiro, com falta de um olho e uma larga cicatriz na testa.*

CATHARINA.

Justo Céo!

MENDONÇA.

Será elle !

CAMÕES.

O coração não me engana.... É ella !

CATHARINA, CAMÕES.

Camões ! Catharina !

CATHARINA.

Não é uma visão ? És tu Camões....

CAMÕES.

Sou Camões, e nada falta a nossa felicidade !

CATHARINA.

Ah ! nada falta a nossa desventura ! *(Foge dos braços de Camões.)*

CAMÕES.

Que ouço ? Para que este temor ?...

CATHARINA.

Camões, foge.... foge de mim ! Estou perdida para ti.... perdida para sempre ! Oh ! meu Deos !

CAMÕES.

Perdida para sempre ! Mas, agora é que reparo.... estas vestes funebres... este vêo.... funesto pensamento !

CATHARINA.

Ai de mim ! Espalhou-se a noticia de tua morte, e votos indissoluveis....

CAMÕES.

Votos indissoluveis ! É a sentença de minha morte que acabas de proferir.... Corro busca-la !

CATHARINA.

Camões! Camões!

O MISSIONARIO, *tomando-lhe o braço a Camões.*

Suspende homem desventurado! Tua vida pertence ao teu Deos.... e só elle t'a póde tirar.

CAMÕES.

E quem és tu, ancião, que pretendes impedir meus passos?

O MISSIONARIO.

Quem sou! Ah! comprehendo que os annos, os pesares e as austeridades me tenham mudado ao ponto que não reconheçais em mim..... Carlos de Mendonça! aquelle que foi o rival de Camões!

CAMÕES, CATHARINA.

Mendonça!

MENDONÇA.

Sim, é Mendonça, cujo exemplo deve ensinar-vos a supportar com coragem os maiores males, e a humilhar-vos diante dos decretos da Providencia.

CAMÕES.

Onde já mais se encontraram tres corações tão desgraçados!

CATHARINA, *como inspirada.*

Camões, cumpre que imitemos sua resignação. Entre nós tudo está acabado. É preciso dizer-nos um adeos eterno. Mas, que digo? eterno?... oh não Um raio da divindade allumia a minha alma, e a desliga de todas as cousas da terra. Todas as illusões se esvaessem, como a sombra da noite aos

primeiros raios do sol. Carreguemos a nossa cruz com coragem, até o fim desta vida de angustias. Modera a tua afflicção.... (*Camões escuta Catharina sem poder proferir palavra, e na maior ancia.)* Um dia, que não está longe, reunirá nossas cinzas no mesmo sepulchro, e nossas almas no Céo. Ali a inveja, a maldade dos homens, não nós poderá perseguir.... Os fachos do hymeneo se acenderão para nós.... nossa felicidade augmentar-se-ha com a lembrança de nossas penas passadas, e laços eternos.... (*Ouve-se o som melancolico do sino do convento.)* Ouves esta voz funebre!

MENDONÇA.

Ella vos chama! Animo, meus filhos! É preciso separar-vos!

CAMÕES.

Horrivel momento!

CATHARINA.

Porém é forçoso.... Adeos, Camões, adeos para sempre! *(Sahe correndo pela porta do fundo.)*

CAMÕES *a segue desesperado, e chegando á porta, que se fecha, exclama:*

Catharina! Catharina! Ah! *(Cahe desfalecido.)*

O MISSIONARIO, *tomando-o nos braços, e apontando para o Céo.*

Constancia, meu filho!... lá se finalisam todos os nossos males!

QUADRO VI.

Um quarto arruinado, com a entrada á esquerda do espectador, á direita um gabinete. Duas cadeiras quebradas, e uma mesa velha, sobre a qual se acha aberta um exemplar dos Luziados em-4°.

SCENA VI.

MENDONÇA, ANTONIO.

ANTONIO, *entrando com Mendonça.*

Sim, meu reverendo, é aqui que elle mora, porém agora não lhe podeis fallar.

MENDONÇA.

Porque?

ANTONIO.

Elle dorme.... e ha tanto tempo que seus soffrimentos lhe embargam o somno!...

MENDONÇA.

Ah! não lho perturbes.... Infeliz! possas nelle achar o esquecimento dos teus males!

ANTONIO.

Vossa reverencia os conheceria?

MENDONÇA.

Grande parte ao menos.

ANTONIO.

Ah! quanto são terriveis!

MENDONÇA.

Tu o conheceste na India?

ANTONIO.

Sim, reverendo. Combatteu muito tempo no serviço de sua patria, em que recebeu numerosas feridas, e depois de perder um olho na expedição de Ceuta, retirou-se para Macao. Eis o que lhe ouvi contar muitas vezes. Neste tempo, comprou-me a um colono deshumano, e me empregou ao seu serviço.... Ficámos annos na India, durante os quaes vi-o sempre opprimido de tristesa, e com os olhos continuamente voltados para a patria.

MENDONÇA.

Desgraçado!

ANTONIO.

Um nome, que nunca me esquecerá, estava sempre nos seus labios....

MENDONÇA.

O de Catharina... Ah!

ANTONIO.

E trabalhava diariamente n'uma obra que dizia dever terminar seus males, e cobri-lo de gloria.

MENDONÇA.

Os Luziadas!

ANTONIO.

Um dia emfim, (creio que a tal obra estava acabada)

um dia meu senhor me chamou. A alegria brilhava em seu semblante.... « Antonio, disse-me, dias de felicida-
« de devem ainda raiar para mim. Vou tornar a ver a
« patria, e os objectos queridos que nella deixei... Es-
« tás livre.... pódes voltar aos lugares donde infames
« traficantes de sangue humano te arrancaram. » Lagrimas de gratidão innundavam meu rosto.... Lembrei-me do Céo, dos bosques, dos rios da patria; da choupana do meu pai, das danças das nossas donzellas, e suspirei.... Porém, o amor que tinha ao meu senhor triumphou. Partimos.... Assaltado por uma tempestade horrivel, o nosso navio despedaçou-se contra rochedos. Salvei-me sobre alguns despojos, o meu senhor chegou á praia, nadando com uma mão, tendo na outra o seu livro e a sua espada.... Tudo o mais ficou sepultado nas ondas.

MENDONÇA.

Que longa serie de infortunios!

ANTONIO.

Desde este tempo, a miseria não deixou de perseguirnos. El-rei Sebastião tinha-lhe dado uma pensão; porém, depois que foi para a Africa, os que tomam conta da terra não lha quizeram pagar. Meu senhor, todavia, tudo supportou com coragem.... mas ha alguns dias que a febre o devora, e receio que elle morra falto de soccorros....

MENDONÇA.

Falto de soccorros!...

ANTONIO.

Sim, pois que os que lhe posso dar já não são sufficientes... Passo os dias inteiros á sua cabeceira, e depois...

MENDONÇA.

Depois.... acaba....

ANTONIO.

Quando a noite cobre a terra, imploro para elle a compaixão dos seus compatriotas.... Percorro as ruas de Lisboa, dizendo-lhes: Portuguezes, dai esmola a Camões.

MENDONÇA.

O' Portuguezes! Todas as gerações vindouras levantar-se-hão para vinga-lo da vossa ingratidão!... Porém, que vejo? os Luziadas!.... Ah! ali está o cruel vaticinio! (*Lendo.*)

Este receberá, placido e brando,
No seu regaço os cantos que molhados
Vem do naufragio triste e miserando,
De procellosos baixos escapados;
De fomes, de perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle cuja lyra sonorosa
Será mais afamada que ditosa.

Infeliz! E é este o asilo do autor deste poema immortal! O' meu Deos! é possivel que o Homero luzitano peça um pedaço de pão aos seus compatriotas, e que o deixam morrer isolado e sem amparo!

ANTONIO, *á parte.*

Ah! se todos os Portuguezes se assemelhassem a este digno homem.

MENDONÇA.

Servidor generoso! os antigos ter-te-ião levantado uma estatua..... mas o teu nome viverá na historia, e fará a admiração da posteridade. Cuida sempre no teu desgraçado senhor, e não lhe falles da minha visita. Corro buscar-lhe alguns soccorros: daqui a pouco estarei de volta. Adeos. (*Vai-se.*)

ANTONIO.

Ah! não tardeis!

SCENA VII.

ANTONIO, *só.*

Deos recompense a alma bemfazeja que vem em nosso auxilio! Os Portuguezes, sem duvida, não são insensiveis ás penas dos seus semelhantes; porém, bem poucos ha que julguem meu senhor tão desgraçado como é na realidade..... Elle se approxima..... como está triste e abatido! Não o perturbemos nas suas reflexões, e esperemos por suas ordens. (*Vai para o fundo.*)

SCENA VIII.

CAMOES, ANTONIO.

(*Camões chega lentamente, com os braços encruzados sobre o peito, a cabeça inclinada. Está muito palido e abatido pela molestia. Vai sentar-se perto da mesa, e fica algum tempo silencioso.*)

Oh! Catharina! nunca mais ver-te-hei sobre a terra dos vivos! ouvi o som de tua voz pela derradeira vez! Porque abandonaste tão depressa esse deserto arido que

se chama a vida, onde agora me arrastro só e sem esperança..... Sem esperança!.... Ah! ainda a tenho na morte..... Possa ella em breve reunir-nos! (*Silencio.*) Ei-lo pois esse poema, filho do exilio, fructo de tantos dias de amargura, de tantas noites sem somno, que devia immortalisar-me! Os Portuguezes, é verdade, o acolheram com ardor, a inveja baqueou..... mas que importa! Catharina succumbio aos pesares, e Camões expira na miseria. (*Abre o livro, e lê.*)

« E ainda, nymphas minhas, não bastava
Que tamanhas miserias me cercassem
Senão que aquelles que eu cantando andava
Tal premio de meus versos me tornassem.
A troco dos descanços que esperava,
Das capellas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram
Com que em tão duro estado me deitaram.

(*Com amargura.*) Ingrata Lusitania! É este o premio que me reservavas! Verti meu sangue sob tuas bandeiras, cantei teus guerreiros, immortalisei tua gloria..... E tu, que me déstes? O exilio, o opprobrio e a miseria!..... *Que exemplo para futuros escriptores!...* Porém, és minha mai, e não posso amaldiçoar-te. Déste-me o primeiro alimento, e no teu seio acharei o ultimo descanço..... Pois bem, eu te perdôo, possa a posteridade tambem perdoar-te. (*Levantando-se com o maior enthusiasmo.*) Sim! recobra teus dias de gloria, volte D. Sebastião com as palmas da victoria, levantem-se nossas fortalesas desmoronadas, contemplem minhas ultimas vistas o estandarte do Deos verdadeiro fluctuar sobre a patria do islamismo, e descerei tranquillo ao tumulo de meus antepassados!.....

E que faria eu sobre a terra ?.... Catharina me espera n'um mundo melhor, Fernando e Fabricio dormem nas arêas africanas, Mendonça, sem duvida, tambem terminou seus dias.... Já não me resta um amigo, um só coração que responda ás palpitações do meu....

ANTONIO.

Esqueceis o vosso pobre escravo.....

CAMÕES.

Ah! és-tu, Antonio! Lagrimas banham o teu rosto! Oh! quanto o infortunio nos torna injustos! Sim, ainda tenho um amigo, e que amigo!....

ANTONIO.

Um infeliz que não é digno deste titulo, mas que nunca vos abandonará, e que, se succumbires, morrerá sobre o vosso tumulo.

CAMÕES.

Ah! és o meu unico apoio..... Vem, vem aos braços de Camões! (*Abraçam-se.*) Oxalá que o universo todo podesse contemplar este espectaculo!.... Meu Antonio, põe a mesa.... quero tomar algum alimento comtigo....

ANTONIO.

O' meu Deos!.... já não temos pão!

CAMÕES.

Oh! Portuguezes do seculo decimo quinto! que dirão vossos descendentes, quando souberem que não tivestes pão para Camões!

SCENA IX.

Os Mesmos, MENDONÇA *com algumas provisões.*

MENDONÇA.

As suas lagrimas te vingarão da ingratidão dos teus contemporaneos; mas, meu filho, nunca desesperemos da Providencia, e acceita os soccorros que ella te envia por minha mão.

CAMÕES.

Ah! sois vós, conde! Eu pensava.....

MENDONÇA.

Camões, não me dês esse titulo: elle agora não convém a um triste peccador, que já está com um pé na sepultura. Nunca te esqueci..... Porém, a molestia me deteve na minha cella, e ignorando tua morada, não pude informar-me de tua sorte.....

CAMÕES.

Quanto a vossa presença suavisa os meus males!

MENDONÇA.

Desgraçado! vou abrir todas as chagas do teu coração..... Porém, é forçoso..... Uma promessa sagrada me liga..... uma promessa feita a um moribundo, e que teve Deos por testemunha!

CAMÕES.

Que desgraça podeis ainda annunciar-me?! Eu pensava que a sorte tinha esgotado sobre mim todo o seu rigor.

MENDONÇA.

Vou fallar-te de Catharina.....

CAMÕES.

Não deixou ella de existir!

MENDONÇA.

Sim, já recebe o premio de suas virtudes..... Assisti aos seus ultimos momentos.....

CAMÕES.

Vós a vistes expirar!.....

MENDONÇA.

Deos só e tu occupavam o seu pensamento..... Seus olhos, que ha tanto já não tinham lagrimas, ainda acharam para chorar tua sorte.... e ella chamou as bençãos do Céo sobre a cabeça do vosso perseguidor, do infeliz D. Pedro, que agora divaga opprimido de miseria.....

CAMÕES.

O Céo é justo!

MENDONÇA (*suffocado*).

Depois, tirou do seio este retrato e estes cabellos, e com voz entrecortada pelos soluços, disse-me: « Leva a Camões estes tristes objectos com o meu derradeiro adeos. Dize-lhe que, mais feliz do que elle, precedo-o na morada da gloria eterna..... Diz-lhe que supporte com coragem esta ultima separação, e que o coração de Catharina palpitou por elle até o derradeiro momento..... »

CAMÕES.

Catharina! O' Catharina!

MENDONÇA.

Em fim, fecharam-se os seus olhos..... ainda murmu-

rou o nome de Camões, e sua alma rompeu os laços que a prendiam á terra.

CAMÕES.

Ah! Dai-me estes ultimos e preciosos penhores do seu amor..... seu lugar é sobre meu peito, e nunca delle se apartarão. (*Ouve-se bater.*)

MENDONÇA.

Sobem.....

CAMÕES.

Quem será?

SCENA X.

Os Mesmos, D. PEDRO, *velho e pobre.*

D. PEDRO.

Perdoai a um triste velho, que vem implorar a vossa protecção. (*Entrando, á parte.*) Esta cicatriz... é elle!

MENDONÇA.

Approximai-vos, bom homem. Estas cãs, e o vosso estado miseravel, vos dão todo o direito á nossa piedade.

D. PEDRO, *á parte.*

O' momento terrivel!

MENDONÇA.

Se a vossa alma geme sob o peso da desgraça, achareis aqui corações compadecidos. Se tendes fome, repartiremos comvosco o nosso pão, pois só para beneficiarmos ao nosso proximo é que o Senhor nos beneficia.

D. PEDRO.

As penas do coração, mais ainda que a miseria e os annos, esmagaram a minha existencia.....

CAMÕES.

Sois pois muito desgraçado?

D. PEDRO.

Oh! sim, bem desgraçado! porém mais culpado ainda!

MENDONÇA.

A misericordia do Céo é infinita, e o peccador póde ter sempre recurso para ella.

D. PEDRO.

Ainda que Deos me perdoasse, não sei se eu me perdoaria a mim mesmo.

MENDONÇA.

Infeliz!

CAMÕES.

Desgraçado e culpado, é ser duas vezes desgraçado!

D. PEDRO.

Ha muito que percorro a Europa, cheio de miseria e de remorsos, implorando a compaixão dos meus semelhantes; porém, vi-os fugir ao meu aspecto, como se levasse a maldição do Céo estampada na frente..... e durante o silencio da noite, uma sombra implacavel, a sombra de meu pai, surge ameaçadora diante de mim, e exclama — Que fizestes do deposito que eu te confiei?

MENDONÇA.

Oh! funestas consequencias do crime!

CAMÕES.

Quem és tu, desgraçado?

MENDONÇA.

Quem sou? Um fratricida.

CAMÕES.

È o que pretendes?

D. PEDRO, *lançando-se aos pés de Camões.*

Implorar de Camões o perdão do irmão de Catharina!

CAMÕES, MENDONÇA.

D. Pedro!

CAMÕES.

O algoz de sua irmã! Miseravel! foge! foge destes lugares, que teu halito envenena..... Possa a maldição do Céo.....

MENDONÇA, *com tom solemne.*

Suspende, Camões! Deos disse — Não amaldiçoarás a teu irmão!.....

D. PEDRO.

Perdão! Perdão!

CAMÕES.

Perdoar-te..... Nunca! (*Mostrando-lhe o retrato.*) Contempla, se o ousas, a imagem da tua victima..... ella te amaldiçôa do fundo do sepulchro!.....

D. PEDRO.

Catharina..... minha irmã! O' remorsos!!

MENDONÇA.

Suas ultimas palavras forão de misericordia.... Segue seu exemplo..... perdôa!

CAMÕES.

Nunca, Mendonça! nunca!

D. PEDRO.

Mendonça! é possivel!

MENDONÇA.

Mostra que és Christão, perdôa!

CAMÕES.

Anniquilou toda nossa felicidade.... abraçámos os seus joelhos..... e o seu coração não teve piedade!....

MENDONÇA.

Christo perdoou áquelles que o coroaram d'espinhos e ataram sobre a cruz!

D. PEDRO.

Camões! Camões! Que um generoso perdão adoce o horror da minha sorte..... Não desça eu no tumulo carregado com o peso de tua maldição!

(*Fica Camões suspenso.*)

MENDONÇA.

Neste miseravel que vês aos teus pés, procura reconhecer o soberbo e poderoso valido de D. João III!... Causou todos os teus males e os de Catharina..... porém a desgraça e os seus remorsos vingaram-te de sobra.

CAMÕES.

O' religião! tu triumphas!.... Levanta-te, levanta-te, infeliz!.... Camões te perdoa!

D. PEDRO.

Ah! meu destino é mil vezes mais horrivel que o teu...

A inexoravel posteridade, erguendo templos a Camões, amaldiçoará a memoria do seu perseguidor!

SCENA XI.

OS MESMOS, CAMOES.

D. FERNANDO.

Camões!

CAMÕES.

Fernando!

D. FERNANDO.

Em fim, já te achei..... mas em que estado!

CAMÕES.

Os olhos não me enganam..... És-tu, Fernando?

D. FERNANDO.

É um amigo que vem chorar comtigo!

CAMÕES.

Porém, a noticia da tua morte.....

D. FERNANDO.

Oxalá que tivesse partilhado a sorte de Fabricio!... Chego d'Africa....

CAMÕES, D. PEDRO, MENDONÇA.

D'Africa!

CAMÕES.

E que novas nos traga?

D. FERNANDO.

As mais horriveis.

CAMÕES.

Grande Deos!

D. FERNANDO.

O sol alumiava o vigessimo quinto dia de julho, quando uma acção geral se travou entre nós e os Mouros sobre as margens do Tanger. A victoria ao principio parecia inclinar-se para nós ; e preparava-me a marchar com o meu corpo de reserva, quando gritos horriveis feriram os Céos..... Precipito-me sobre o campo da batalha que nos occultavam nuvens de fumaça..... Os reis Melei Moluc e Mulei Hamet já não existiam..... Porém, ó dor éterna ! D. Sebastião, a esperança da patria, coberto de profundas feridas, acabava de sepultar-se n'hum abysmo; horrivel confusão reinava nos restos do exercito; os cadaveres de toda a nossa nobresa juncavam a terra.... e o estandarte luzitano, roto e ensenguentado, arrastava na poeira ! ! (*Ouve-se ao longe, e a breves intervalles, o canhão que annuncia á Portugal a perda da batalha de Alcacer-Quiver.*)

D. PEDRO.

Eis o sinal da nossa desgraça !

CAMÕES.

Tudo está perdido ! Ah ! que este é o golpe derradeiro ! (*Cahe desfalecido nos braços de Mendonça.*)

PEDRO, FERNANDO.

Grande Deos !

MENDONÇA, *com um crucifixo na mão.*

Constancia ! constancia, meu filho ! A Luzitania succumbe; mas a patria da eternidade, só o impio a perde ! Deos e a virtude nos restam..... consola-te !

D. PEDRO.

Horrivel palidez cobre seu rosto.

CAMÕES *no delirio.*

Quem sois vós? Dizei-me, que fogo devorador consume minhas entranhas! A noite que cobria meos olhos se dissipa..... O véo do futuro se rasga. Portugal! Portugal! que deluvio de males te ameaça! Uma nuvem de sangue obscurece o teu horisonte.... Mas que vejo! És tu Lysia quem arrastras os ferros da Espanha!.... Tu, berço de tantos heróes! theatro de tanta gloria! As phalanges dos Francos talam teos campos! Tu, princesa dos mares, a Inglaterra.... a Inglaterra te trata como escrava! (*Com a maior furia.*) Conquistadores do Oriente! soldados da Luzitania! geração de heróes! erguei-vos! A patria vos chama, o inimigo bate ás nossas portas, suas náos cobrem as agoas do Tejo! Mas que.... ficam vossos tumulos immoveis e vossas cinzas mudas! Não vêdes um monstro coroado que lá surge dos infernos!! A guerra civil se atêa e rasga as entranhas da patria.... Luzitania! Luzitania! para quem estes cadafalsos? quaes estas victimas?.... Suspende, desgraçada! esse sangue é o sangue de teus defensores, o sangue de teus filhos!!... Mas, a nuvem tudo submergio..... Portugal já não é mais que um cadaver..... um cadaver sem nome.... Patria! patria!!.. ao menos.... morremos juntos!.... Ah!..... (*Cahe morto.*)

(Todos os assistentes estão de joelho, menos Mendonça.)

MENDONÇA *pondo a mão sobre o peito de Camões.*

Expirou com a patria!

APOTHEOSE.

Ao som de uma musica funebre, descem nuvens que cobrem toda a scena; e depois, desfazendo-se, deixam ver os campos elysêos. No meio está um tumulo com esta inscripção em caracteres scintillantes :

AQUELLE CUJA LYRA SONOROSA
SERA' MAIS AFAMADA QUE DITOSA.

De cada lado da scena, ergue-se uma pyramide; em uma dellas está gravada a seguinte inscripção, em letras de fogo :

A LUIZ DE CAMÕES,
PRINCIPE DOS POETAS DE PORTUGAL E DA HESPANHA,
A PATRIA AGRADECIDA.

E na outra :

DEFENDEU COM A ESPADA
A PATRIA QUE IMMORTALISOU COM SEUS CANTOS,
E, DEPOIS DE TRES SECULOS,
A LUZITANIA AINDA O PRANTÉA.

No fundo no meio de nuvens resplandescentes, vê-se o templo da immortalidade.

Personagens mythologicas passeam diante do tumulo, e ao pé delle depaem corôas e palmas de louro.

Camões apparece em uma nuvem, nos braços de Homero e Virgilio. Está trajado como os antigos cavalleiros portuguezes, uma corôa cinge-lhe a fronte, em uma mão tem os Luziadas e sua espada, e Homero lhe aponta para o templo.

CÔRO.

O vate celebremos
A quem eleva a gloria
Do leito funeral
Ao templo da memoria.

UMA NYMPHA.

Myrrado de pezares,
Se Camões desditoso
Da vida desatou
O laço rigoroso;

O CÔRO.

O vate celebremos, &c., &c.

Enxuga, ô Lusitania!
O pranto das saudades:
Viverá teu cantor
Em todas as idades.

O CÔRO.

O vate celebremos, &c., &c.

FIM.

LISTA

DOS

SUBSCRIPTORES.

OS SENHORES:

Antonio Alves Gomes Barrozo........................ 1
Andrêa Callisto.................................... 1
A. d'Araujo Gomes.................................. 1
A. Desmarais....................................... 1
Antonio José Ferreira.............................. 1
Antonio José Cardozo............................... 1
Antonio L. S. Peixoto.............................. 1
A. Masson.. 1
Besamat.. 1
B. J. da Silva Rego................................ 1
Boulanger.. 1
Candido.. 1
Casimiro Lucio de Araujo........................... 1
Cassou... 1
C. J. da Silva..................................... 1
Clemente Rodrigues de Miranda...................... 1
Corrêa de Azevedo.................................. 1
C. V. Freitas...................................... 1
D. José Alves Carneiro............................. 1
Dr. A. Felix Martins............................... 1
Dr. Frei Alemão.................................... 1
Edet... 1
Emilio Goularte de Mello........................... 1
Eugenio Bricolin................................... 1
Eugène Gudin....................................... 1
F. Desmarais....................................... 1
F. E. Taunay....................................... 1
Francisco Antonio de Souza Nunes................... 1
Francisco Cohn..................................... 1
Francisco de Freitas Gamboa........................ 1

Francisco de Paula Brito........................... 14
Francisco de Souza Brandão....................... 1
Horta.. 1
J. B. Lisboa.. 1
J. C. da Silva Pinto Fluminense.................... 1
J. C. Muzzi.. 1
J. Corrêa Meirelles.................................. 1
J. J. Dodsworth....................................... 1
J. J. Nobrega.. 1
J. J. Vignerte.. 1
J. Lucio J. H... 1
J. P. Vianna... 1
J. S. Ribeiro... 1
João Antonio de Azevedo............................ 1
João Francisco Nunes................................. 2
João H. Kagely.. 1
João Pereira Monteiro................................ 1
João Paula.. 1
João Romualdo da Silva Menezes.................. 1
Joaquim Magalhães Barreto......................... 1
Joaquim Pinto de Barros............................. 1
Joaquim Russell....................................... 1
José Alves da Graça Bastos Junior................ 1
José Caetano de Almeida............................ 1
José de Mello Pacheco de Rezende................ 1
José de Miranda Ribeiro............................ 1
José Feliciano de Oliveira.......................... 1
José Joaquim de Oliveira............................ 1
José Pinto Duarte..................................... 1
José Pereira Leitão................................... 1
José Pinheiro d'Almeida............................. 1
José Ribeiro de Carvalho............................ 1
Lachaux.. 1
Leuba fils.. 1
L. M. Torres... 1

Luiz Ferreira de Andrada Nascente.................... 1
Manoel Bandeira de Gouvêa.......................... 1
M. J. de Souza Guimarães........................... 1
Manoel de Valadão Pimentel......................... 1
Manoel José Pinto.................................. 1
Manoel Hercules Muzzi.............................. 1
M. J. E. C... 1
Manoel Victor Rebello.............................. 1
Marquez de M***.................................... 1
Maximiano de Souza Valente Junior.................. 1
Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho................. 1
Narciso Genserio de Carvalho....................... 1
Oliveira... 1
P. E. Landolphe.................................... 1
Possidonio Carneiro da Fonseca Costa............... 1
Quarante... 1
Rocha.. 1
Rocha.. 1
Soares de Azevedo.................................. 1
Soares... 3
Travassos da Costa................................. 1

Rio de Jan. Typ. de J. Villeneuve e Comp. - 1838.